

MARILIA MAURA PIRES BAPTISTA SALVALAGGIO

**A POSIÇÃO DO PSICANALISTA NA SITUAÇÃO ANALÍTICA: UM OLHAR A
PARTIR DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Maria Marta Furlanetto.

TUBARÃO, 2007

MARILIA MAURA PIRES BAPTISTA SALVALAGGIO

**A POSIÇÃO DO PSICANALISTA NA SITUAÇÃO ANALÍTICA: UM OLHAR A
PARTIR DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, 16 de outubro de 2006.

Prof. Dr. Maria Marta Furlanetto (Orientadora)

Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Fábio Messa

Universidade do Sul de Santa Catarina

*Dedico este empreendimento e as longas jornadas de trabalho a minha filha **Leticia**, que me traz as maiores alegrias! Dedico também ao meu trabalho de psicóloga de orientação psicanalítica e aos meus momentos de grande embates teóricos e angústia.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha querida família, ao meu companheiro de todas as horas, Ricardo, aos meus amigos que de diferentes formas me ajudaram a realizar esta escritura, ao meu analista e, por último, porém de muita importância, a minha querida orientadora e amiga professora Marta.

Pedir emprestado o olhar do outro para o seu olhar é o método, o resto são ferramentas.
MERHY, Engravando palavras: o caso da integralidade.

RESUMO

Esta pesquisa observa a posição do psicanalista na situação analítica, a partir de um diálogo entre a Psicanálise e a Análise do Discurso de linha francesa, estabelecendo aproximações e distanciamentos entre os dois domínios. Nesta exploração, foram realizadas entrevistas com dois psicanalistas e dois analistas do discurso, para observar os possíveis atravessamentos da Análise do Discurso na posição do psicanalista em seu trabalho analítico sobre o lugar do analista. Os achados mostraram que os dois domínios aproximam-se quando têm o olhar voltado para o funcionamento da linguagem em seu efeito-sujeito, análise e a escuta dos discursos. Além disso, ambos trabalham com algumas concepções próximas: o esquecimento e as falhas, o inconsciente, o sujeito imerso em um contexto sócio-histórico e o assujeitamento. Por outro lado, o maior distanciamento entre as áreas decorre de a psicanálise observar os núcleos patológicos do paciente, e de dar prioridade ao inconsciente, enquanto que a Análise do Discurso não aborda a noção de doença ou de saúde, mas o funcionamento do discurso em determinadas condições. A contribuição da Análise do Discurso aos psicanalistas é a de uma escuta das concepções teóricas sobre *acontecimento*, *assujeitamento* e *formação discursiva* e principalmente sobre a historicidade.

Palavras-chave: psicanálise; análise do discurso; posição subjetiva.

ABSTRACT

This research observes the position of the psychoanalyst in the analytical condition, from an interface between Psychoanalysis and French Discourse Analysis, establishing approximations and distances between the two fields. In this exploration, we have interviewed two psychoanalysts and two discourse analysts, to observe convergences and divergences about the place of the analyst. The results demonstrated that both fields approximate when they have a sight towards the performance, the analysis and the listening of discourses. Besides, both fields work with some close conceptions: the forgetting and the faults, the unconscious, the immerse subject in a socio-historical context and the subjection. On the other hand, the biggest distance between the areas is that psychoanalysis observes the pathological nuclei of the patient, while DA does not aim to discuss about disease or health, but about the performance of the discourse in some conditions. The contribution of DA to psychoanalysts is the listening of theoretical conceptions about happening, subjection and discursive construction.

Key words: psychoanalysis, discourse analysis, subjective position

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	INTRODUZINDO A AD E SEU ENCONTRO COM A PSICANÁLISE	19
2.2	ANALISTA DO DISCURSO E (PSIC)ANALISTA: EXISTÊNCIA E TRABALHO	25
3	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	38
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61
	ANEXO – ENTREVISTAS	63

1 INTRODUÇÃO

A investigação será perspectivada no interior da Psicanálise, mais especificamente no quadro da clínica, através do aparato metodológico da Análise do Discurso francesa (doravante AD), na tentativa de permitir um espaço de diálogo entre a AD e a psicanálise. A proposta da dissertação é discutir o lugar ocupado pelo psicanalista dentro do espaço analítico, e em que medida – supondo-se ser isso possível – a AD, tal como se constitui hoje, poderia “atravessar” o espaço da clínica com alguma contribuição, uma vez tendo sido, em sua própria história, atravessada pelo conceito psicanalítico de inconsciente, conforme programa formulado por Pêcheux (cf. PÊCHEUX, 1988; TEIXEIRA, 2005).

O trabalho do psicanalista é de ordem clínica, portanto, quando me referir a “lugar do psicanalista” (ou posição) estarei me referindo ao lugar da escuta psicanalítica de um paciente, e é isso que será abordado neste trabalho. A situação analítica é o espaço da subjetividade, onde se encontram duas pessoas dispostas a trabalhar em prol de uma melhora ou reelaboração psíquica. Bem sei que a psicanálise é uma clínica, e não problematizo isso! Mas se a lingüística, e mais precisamente a AD que tem como mentor Pêcheux, e aqui no Brasil Orlandi, trata de psicanálise e tanto utiliza-se de elementos da psicanálise, então, pode-se perguntar de que forma a psicanálise sente e é, se é, atingida pela AD de linha francesa, é claro!

Hipotetizo que a AD francesa pode, sim, fornecer algum tipo de noções teóricas que favoreçam a escuta psicanalítica no espaço da clínica. Explorarei os conceitos que circulam no espaço da psicanálise e no campo da AD para me aproximar da posição do analista na situação analítica através da AD. Ao me referir à situação analítica, quero circunscrever a situação de uma dupla em que um é o paciente e o outro o analista, e em processo de análise pessoal. A proposta desta dissertação é investigar a técnica psicanalítica e a compreensão do discurso dos sujeitos envolvidos na situação analítica, com a utilização de algumas noções da AD francesa.

O aparato teórico é delimitado para atender ao objetivo deste trabalho, que é, inicialmente, abordar os pressupostos principais da AD e da psicanálise. Estou sendo repetitiva propositalmente, para que justamente fique muito claro que meu trabalho não tem nenhuma pretensão de atender ou de resolver e muito menos de responder às questões que vêm sendo amplamente discutidas nos círculos lingüísticos (incluindo a AD) sobre o atravessamento da psicanálise na AD e vice-versa. Há obras, textos, artigos e ensaios de vários autores – entre eles cito com relevância Teixeira (2005) e Flores (2004), que debatem os atravessamentos das ditas disciplinas das áreas humanas e sociais.

Tendo em vista este cenário, a pesquisa será conduzida a partir das seguintes questões:

Qual é o sentido que há no discurso do psicanalista sobre o seu lugar na situação analítica, pelo olhar da AD francesa?

Qual é a escuta do psicanalista na situação analítica?

A situação analítica favorece a escuta apenas do inconsciente?

Na situação analítica o psicanalista poderá se valer de algum conceito da AD francesa que auxilie no entendimento da construção de sentidos para o analisando?

O objetivo geral deste trabalho é:

Refletir sobre o sentido que há no discurso do psicanalista sobre o lugar que ele ocupa na situação analítica pelo olhar da AD francesa.

Esta pesquisa nasce da minha inquietude quanto ao espaço psicanalítico; esta inquietação justifica-se por ocupar o lugar de psicoterapeuta de orientação psicanalítica e por ter conhecido a Análise do Discurso francesa, que trabalha com aparatos que, segundo hipotetizo, podem “auxiliar” o psicanalista na sua escuta dentro da situação analítica.

A psicanálise “ortodoxa”¹, que apresenta a técnica (prática) psicanalítica em modelos preestabelecidos como um “molde”, nada tinha a ver com a idéia original de Freud, pois Freud marginaliza este texto em virtude do grande crescimento e disseminação da psicanálise e das formações psicanalíticas. As “recomendações” serviriam apenas de guia, não de engessamento. A idéia de modelo e a palavra ‘modelo’ (por isso me refiro a um *molde*) encontra-se presente no seminário 11 de Lacan (1985). Na introdução dessa obra (sob o título *A excomunhão*) são discutidos os modelos de formação psicanalítica e Lacan apresenta o seu modelo – e aqui não se trata de uma crítica sobre ter ou não um modelo, pois não cabe aqui

¹ A palavra ‘ortodoxa’ está entre aspas justamente por não configurar propriamente um campo, mas um modo de se fazer e de se pensar (conceber) a psicanálise. Designou-se como ‘psicanálise ortodoxa’ as próprias sociedades brasileiras de Psicanálise filiadas à IPA, que em um primeiro momento enrijeceram quanto à formação de psicanalistas a partir da leitura e interpretação do texto: *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, de 1923, constante nas Obras Completas de Sigmund Freud.

esta discussão. Estou querendo mostrar com ênfase, assim como no texto da chegada da psicanálise ao Brasil, que a Psicanálise é considerada ainda um “campo” novo, porém cheio de nuances quanto à formação, que se calça em um tripé: *análise pessoal, supervisão da clínica e estudos teóricos*. Este tripé é inquestionável nas formações e, mais um vez, não estou generalizando, pois mesmo quanto a este tripé é claro que há as diferenças e semelhanças, e vou me reportar aqui não só à clínica freudiana e lacaniana; não posso deixar de lembrá-lhes que há outras formações: reichiana, kleiniana, jungiana, winnicotiana, entre outras...

Nesta dissertação trato com maior especificidade a formação lacaniana, pois é Lacan que traz a linguagem para compreender a subjetividade. Assim, penso que há possibilidade de um franco diálogo entre a psicanálise e a AD francesa, e na interpretação do *corpus* que obtive vou mostrar com mais clareza os “transpassamentos” ou “atravessamentos” (no sentido de que uma percorre a outra sem expressar sua eventual estranheza, como vizinhos sempre bem-vindos) entre as disciplinas de que trato neste trabalho.

O desconforto que me impulsiona a explorar este tema (a posição do analista) se deve também às leituras que realizei dos textos de Lacan com o auxílio do professor Laudelino Santos, da Unisul, que é membro da Seção Santa Catarina da Escola Brasileira de Psicanálise.

As concepções de sentido, discurso, inconsciente, transferência, interpretação e subjetividade estão implicadas diretamente na questão do lugar do analista e serão exploradas de uma forma a me aproximar deste espaço teórico – esta é uma das possibilidades de poder produzir e contribuir neste campo teórico/prático.

Nas escolas de psicanálise a posição do analista já é um assunto que ocupa um espaço, mas há que se estudar e discutir sobre este espaço, por isso proponho compreender a aproximação da AD com a psicanálise e da psicanálise com a AD no cenário da situação analítica, bem como compreender os distanciamentos entre as duas disciplinas, pois na AD e na Psicanálise este espaço (o de uma e de outra) não é delimitado plenamente, é um espaço em formação e em plena discussão.

Não utilizarei um autor específico da psicanálise; trata-se, sim, da psicanálise como compreensão de um campo que trabalha com o inconsciente, o discurso e a linguagem. Lacan explicita que o lugar do analista é o lugar do *suposto saber*. Pretendo, neste trabalho, discutir alguns aspectos da questão no sentido de tentar me aproximar deste lugar do psicanalista, bem como da AD francesa, colocando assim em discussão a temática proveniente daí. Hipotetizo que a AD francesa contribuirá para uma reflexão e compreensão deste lugar, que me parece um lugar crucial e ao mesmo tempo “escorregadio”. No decorrer

desta utilizarei em muitas situações o termo 'me aproximar', pois considero que o momento do fazer teórico em um mestrado deve ser também um momento de aproximação maior das teorias pretendidas. Quero deixar evidenciado que o tempo é insuficiente para a absorção de duas teorias que falam de sujeitos e discursos e que têm, cada uma, seus pressupostos teóricos preestabelecidos (ou melhor, formados historicamente), e assim vou tratá-las aqui teorias que vêm marcadas historicamente e que, portanto, serão respeitadas como tais, pois seria impossível fazê-lo de forma diferente, mas saliento que tratarei dos "termos técnicos" assim como eles aparecem nos textos. Estou aqui tentando distanciar-me da "pretensão" que aparece em alguns trabalhos de dissertação, o querer ter domínio de teorias; meu projeto pessoal é aproximar-me o mais possível de ambas nesta questão da posição do psicanalista, um olhar pela AD que, para mim, ainda deve ser discutido, pensado e escrito.

Hipotetizo que realizar este diálogo da AD francesa com a Psicanálise "pode" propiciar uma reflexão às questões teóricas da psicanálise, assim como hipotetizo que possa contribuir para os estudos e a prática dos psicanalistas, bem como para os analistas da AD francesa. É, portanto, um projeto pessoal que busco desenvolver neste trabalho de dissertação.

Observamos nos textos de Freud (cf. *Obras Completas Standard Sigmund Freud*) seu compromisso com a verdade, e a riqueza de detalhes entrelaçados em seu percurso mental, mas isso não tira do leitor a curiosidade e as hesitações. Freud deixa um legado e uma contribuição incontestável à humanidade com o surgimento do conceito de inconsciente e a teoria da sexualidade infantil, que passa a conceber o homem como um detentor de processos inconscientes, sobre os quais não há controle em suas ações. A afirmativa: "somos seres inconscientes" modifica o cenário da construção e da condição do sujeito. O sujeito deixa de ser olhado como um sujeito consciente e passa a ser um sujeito da subjetividade. É este sujeito da subjetividade que será discutido aqui, o sujeito analista e sua posição.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Introduzindo o leitor nas abordagens teóricas que vêm a seguir, comecemos com uma citação muito bem-vinda neste momento. Conforme Silva (1993, p. 11),

Psicanálise e ciência têm sido consideradas por muitos como modalidades incompatíveis de pensar e conhecer. Para fugir às discussões estereis que propalam a superioridade de uma ou de outra, conforme a ideologia, preferi abordar o tema [...] em termos de atividade de pensar [...] na medida da necessidade do desenvolvimento do pensar na história humana.

Portanto, a temática que será trabalhada a seguir diz respeito a teorias que pensam e que tratam o sujeito em suas nuances subjetivas. Isto será realizado a partir da Psicanálise e da AD.

Fábio Hermann, em uma entrevista concedida a Maria Emília Lino da Silva (1993, p. 134), realiza uma reflexão sobre psicanálise e fazer ciência. “Um trabalho psicanalítico não é uma pesquisa, pois a cada momento renuncia a sua própria estrutura de saber (consolidada), ao próprio acervo de conhecimento conseguido pesquisando o paciente”. Esta citação, neste momento, é importante, pois aqui se trata de discutir um lugar “já posto” pelo psicanalista e que parece ainda ser um espaço não exatamente estruturado. Comparar uma pesquisa psicanalítica com a análise de um paciente não é possível, portanto trata-se de realizar um percurso teórico/analítico. Silva (1993, p. 133) pergunta a Fábio Hermann:

No seu artigo: ‘Quatro notas brevíssimas sobre o método psicanalítico’ você diz que o objeto e o método são faces da mesma moeda: o inconsciente psicanalítico é aquilo que surge da interpretação psicanalítica, e creio que o inverso também seja verdadeiro. A pergunta que então se coloca para a academia refere-se a uma pesquisa científica à luz da psicanálise.

Nesta citação não importa a resposta que Hermann vai nos dar, mas sim a posição da autora, apoiando Hermann, ao falar que método e objeto caminham juntos em psicanálise e que quando se fala de interpretação e inconsciente é muito difícil separá-los, pois um faz o

outro, a resposta de um é a confirmação do outro. Mais uma vez, o fascinante em fazer psicanálise é exatamente poder pensar em um entrelaçamento constante no mundo das idéias psicanalíticas, assim como na AD (ambas com formato de “ameba”) podemos realizar um constante entrelaçamento de idéias que se interseccionam e se afastam, mas só se afastam porque se misturam. É este o ritmo que propiciarei a este trabalho de escritura. Para iniciarmos a reflexão sobre o sujeito, realizo a seguir uma síntese a respeito da concepção de sujeito e subjetividade e sujeito freudiano. Em nenhum momento as concepções formuladas e registradas aqui têm caráter genérico; lembro que a psicanálise enxerga o homem como único e, portanto, um ser que não traz manual, ou seja, as concepções de subjetividade sobre as quais Dufour e Melman escrevem não podem ser vistas e nem tidas como uma concepção geral de sujeito. Veja-se que estes autores estão trilhando o caminho para a compreensão dos fenômenos da atualidade, da mesma forma que as sociedades brasileiras de Psicanálise vêm discutindo novos sintomas que emergem na clínica – até esta expressão: “novos sintomas” é discutível. A cada linha que escrevo eu penso: “o que não é discutível?”. Porém este trabalho tem um objetivo e deve no mínimo tentar dar resposta às questões levantadas; algumas outras deverão por enquanto ficar suspensas, para não se correr o risco de entrar em outro campo de investigação.

A maioria das pessoas, embora não exatamente nestes termos, concebe o ser humano como uma entidade autocentrada, senhora de si mesma; sua honra está em ser um homem consciente – Razão. Esta é a representação e o ícone das forças da “transparência”. Consagrando-se por seu controle absoluto até há pouco, era este o conceito que se nos impunha.

Nesse sentido, e indo além da aparente passividade do homem quando descrito em linhas textuais, o campo da *práxis* se mostraria ao indivíduo de uma maneira toda especial. O palco da política seria o palco da racionalidade, e o Ser, a entidade soberana que se imporia pela vontade. Essa identidade fixa e permanente, cartesiana e segura de suas próprias rédeas, até hoje perpassa a concepção que as pessoas fazem tanto de si mesmas quanto da civilização. Afinal, convenhamos, é mais confortável pensar assim do que aceitar as próprias fraquezas e olhar aqueles recônditos da alma e da cultura que nos parecem tenebrosos demais.

Primordialmente, o sujeito não existia enquanto tal na Idade Média. Só foi realmente surgir com todas as feições modernas na Renascença, como bem demonstrou Burckhardt (1991) em *A Cultura do Renascimento na Itália*. O homem medieval jamais se conceberia como uma pequena “onipotência em si”; ao contrário, enxergava-se, no máximo, como raça, ou, indistintamente, como “filhos-de-Deus”. Ele era parte de um “Todo” indiferenciado, comum a qualquer homem, onde cada qual ocuparia sua posição específica e

levaria a cabo seus desígnios, determinados segundo esses padrões. Posteriormente, Descartes deu expressão filosófica ao centramento do “Eu” em sua conhecida máxima *cogito ergo sum*. Sua única certeza inviolável em meio às ilusões que o mundo dos fenômenos e a percepção sensorial oferecem é: “eu sou, eu existo”, e isso é um fato inquestionável; mais do que isso, a razão, identificada por ele como a essência da mente e do espírito. No campo da Filosofia, Descartes iniciou, com sua concepção centrada e racional do “Eu” (como receptáculo de tal “luz”), a ruptura com a escolástica, rigidamente apoiada na Teologia dos santos medievais. O texto de Kant sobre a Razão Pura pode ser visto metaforicamente como a voz de um juiz cujo objetivo é zelar pela possibilidade de ser das verdadeiras leis, eternas e imutáveis da razão e da crítica: Kant prega a necessidade de se abandonar a Metafísica (“teatro infundável de disputas”) para o homem concentrar-se apenas nas ciências de fato “duradouras” e “sólidas”. Descartes e Kant, assim, fariam parte da escola dos “construtores” da concepção primeira de sujeito. Do sujeito racional e dono de sua verdade absoluta.

Portanto, o sujeito centrado racional e cristalino definitivamente se consolidava. Entretanto, o curso da modernidade começa a deixar o homem “instável” em sua absoluta razão de ser. Esse “Eu” tão cristalino seria posto em xeque à luz das novíssimas descobertas da Psicanálise acerca da estrutura da subjetividade humana. Com as descobertas de Freud e com seu texto *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900, o homem teve que se confrontar com a incômoda realidade de que seu “EU” seria, em grande parte... inconsciente! De súbito, o sujeito mostrava-se sem nenhuma soberania; era muito mais um “escravo” de forças totalmente obscuras e irracionais, ou seja, o sujeito estava à mercê da sua inconsciência. Esta modifica completamente o cenário da construção da humanidade e do sujeito em si, um sujeito que não é dono de seus atos. Em 1900, com as obras freudianas *Teoria do Desenvolvimento Psicosexual* e *A Interpretação dos Sonhos* desestabiliza-se o meio médico, que “tem” de passar a conceber o homem e a construção do sujeito de uma forma diferente e assustadora. A Psicologia deriva da Psicanálise, bem como uma parte da AD francesa; tem-se então a possibilidade de pensar na construção do sujeito desestabilizado – o que inicia o surgimento de novas disciplinas. A revolução freudiana deu-se em dois níveis, tendo como parâmetro a própria subjetividade. De suas experiências clínicas, Freud sugeriu duas “topografias” da psique, onde se assentariam suas estruturas não claramente delimitadas, visto que de natureza pulsional (*trieb*).

Simultaneamente às descrições estruturais das tópicas freudianas, Freud elabora a teoria da dinâmica psíquica que, com um funcionamento predominante de processos inconscientes com as formações de compromisso do funcionamento inconsciente, evidenciaria a condição trágica – no sentido de sujeito descentrado – de toda a existência

humana: além de sermos constituídos egoicamente inconscientes, muitas das forças que nos regem são basicamente orientadas por instintos de agressividade e de destruição. A comunidade científica está perplexa diante do fato de um sujeito inconsciente, ou melhor, do sujeito que perde o controle ou não tem controle. Ser freudiano é, nesse sentido, manter viva “a peste” que a psicanálise inoculou na cultura de nosso tempo: o conceito de inconsciente, isto é, a idéia de que há no ser humano uma força de natureza sexual que atua à revelia da boa adaptação moral e social, e que não pode ser totalmente capturada pela consciência-de-si, tornando-nos seres inevitavelmente cindidos e nunca apoiados completamente em nossa auto-imagem.

No período pós-Freud temos vários autores, principalmente da filosofia, que também contribuem muito para a construção teórica do sujeito/da subjetividade; quero ressaltar Foucault, que é um grande influenciador das idéias e das formulações teóricas da AD francesa. Atualmente os autores vêm repensando o lugar do sujeito do discurso bem como a construção atual do sujeito: vejamos esta citação que chegou a minhas mãos já em um período avançado da minha escritura:

A partir do momento em que toda garantia simbólica das trocas entre os homens tende a desaparecer, é a própria condição humana que muda. Com efeito, nosso estar-no-mundo não pode mais ser o mesmo quando a questão de uma vida humana não se liga mais à busca do acordo com esses valores simbólicos transcendentais representando o papel de garantias, está ligada à capacidade de estar em acordo com o fluxo de móveis da circulação da mercadoria... A observar que em “fabricação do novo sujeito” entendo “sujeito” no sentido filosófico do termo: não falo do indivíduo no sentido sociológico, empírico ou mundano do termo, falo da nova forma filosófica de um sujeito até então inédito, em construção – vou voltar a isso. Do mesmo modo, entendo “sujeito” no sentido filosófico quando falo de cassação do “sujeito kantiano” ou do “sujeito freudiano” (DUFOUR, 2005, p. 14-16).

O autor discute, nesta obra, a degradação do simbólico e uma supervalorização da mercadoria como objeto da sociedade atual. Segundo Dufour (2005), pg.20 para Kant “Tudo tem *ou bem* um preço, *ou bem* uma dignidade. Podemos substituir o que tem um preço por seu equivalente; em contrapartida, é o que possui sua dignidade. Podemos substituir o que tem preço por seu equivalente; em contrapartida, o que não tem preço e, pois, não tem equivalente é que possui uma dignidade”.

Assim, na atualidade pode-se observar que este fenômeno vem acontecendo! Eu questiono atualmente se é possível delimitar o que não é mercadoria ou o que não será. Dufour, no prefácio de seu livro (p. 9 e 10), discute a posição do capitalismo no mundo pela lógica de Lacan: “Na lógica capitalista, indicava Lacan, ‘o escravo antigo foi substituído’ por homens reduzidos ao estado de ‘produtos’: produtos [...] consumíveis tanto como os outros”. Este trecho, que é de Lacan, encontra-se no texto *O avesso da psicanálise*, de 1991.

A partir do momento em que toda garantia simbólica das trocas entre os homens tende a desaparecer, é a própria garantia simbólica das trocas entre os homens que tende a desaparecer, é a própria condição humana que muda. Com efeito, nosso estar-no-mundo não pode mais ser o mesmo quando a questão de uma vida humana não se liga mais à busca do acordo com esses valores simbólicos transcendentes representando o papel de garantias, está ligada à capacidade de estar em acordo com os fluxos sempre móveis da circulação da mercadoria. Em uma palavra, não é mais o mesmo sujeito que é exigido aqui e lá. (Dufour, 2005, pg.14).

Na citação acima o autor claramente coloca que a condição de sujeito é uma condição que vem se alterando, portanto, se esta pesquisa trata de sujeitos falantes de um discurso já pré concebido por dadas teorias, já “dadas”, talvez tenha que se pensar não só a condição de sujeito, mas também seus pressupostos de onde surgem os discursos (tanto da AD quanto da psicanálise).

Como esta questão não cabe especificamente aqui, prefiro deixar algumas questões a serem posteriormente pensadas, mas, aproveitando o momento em que estou levantando a posição do analista, tenho que refletir que a concepção de “o analista” deve ser atentamente pensada. No momento em que estamos diante de uma nova concepção de sujeito, que não é nem o sujeito crítico (Kant), nem o sujeito neurótico (Freud), estamos diante de um *não saber* sobre o sujeito, que inclui os sujeitos analista do discurso e o psicanalista.

O analista do discurso e o psicanalista deverão voltar sua escuta para este discurso “estranho” e “novo”, reconstruindo o seu fazer analítico a partir de um pensar “sujeito” filosófico de natureza psíquica que vai além da clínica analítica e além das formações discursivas: o “novo sujeito” está presente nos discursos da atualidade – discursos que remetem à desconstrução de saberes sobre o “sujeito”. Esta questão será discutida na interpretação do corpus de pesquisa.

Faço uma retomada neste momento sobre como a psicanálise se instalou aqui no Brasil, para justificar a importância de termos uma construção teórica que, embora relativamente nova, já tem muitas vertentes, o que mostra o quanto há necessidade de darmos ênfase, nos estudos em psicanálise, a questões que se reportam a pontos cruciais que pedem tratamento específico. Para compor este painel utilizei o texto de Eliana Araújo Nogueira do Vale *Os rumos da psicanálise no Brasil* (2003). Ela é psicanalista e por muitos anos trabalhou na USP, fazendo agora da sua dissertação um livro que nos auxilia na compreensão da psicanálise no Brasil. O primeiro e o mais importante nome a emergir no cenário da psicanálise no Brasil é o de Juliano Moreira, nascido em 1873, na Bahia. Em 1903, Juliano Moreira foi para o Rio de Janeiro realizar um importante trabalho de modernização e humanização da assistência ao doente psiquiátrico, tendo sido nomeado em 1919 diretor-geral da assistência a alienados no Rio de Janeiro. Seu ideal era chegar à profilaxia das doenças

mentais, e provavelmente vem daí seu interesse pela nascente obra de Freud, que conhecia e citava desde o século XIX. A saúde mental e a psicanálise no Brasil têm forte ligação com os trabalhos realizados por Juliano Moreira. A psiquiatria, na época, podia penetrar no inconsciente dos pacientes e fazer uso de sua intervenção – assim era então vista a psicanálise. Durval Marcondes foi o primeiro psicanalista oficial brasileiro. Marcondes faz menção ao atendimento desumano que os médicos forneciam aos doentes mentais, administrando remédios que davam febre, tremores e abscessos dolorosos. Até a década de 40 a neurose só era tratada com medicação.

No início do século XX, as idéias psicanalíticas foram surgindo timidamente no Brasil, ligadas ao hospital Franco da Rocha. Durval Marcondes, em 1925, foi pioneiro ao exercer a psicanálise no Brasil, porém Marialza Perestrello foi a primeira psicanalista reconhecida pela IPA (*International Psychoanalytical Association*) no Rio de Janeiro e a mais importante pesquisadora dos primórdios da psicanálise no Brasil. Ela dá notícias de que em 1899 Juliano Moreira já falava sobre Freud na faculdade de Medicina da Bahia. Marialza faz uma diferença entre precursores e pioneiros, atribuindo aos últimos o fazer da psicanálise e aos precursores um extenso conhecimento sobre a obra de Freud.

A psicanálise foi disseminada no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX e nos meios médicos. Durval Marcondes dirigiu por anos absolutamente só suas pesquisas e terapêuticas psicanalíticas, e fundou a Sociedade Brasileira de Psicanálise, que teve duração efêmera e logo se dissolveu. Em 1928 publicou o primeiro e único exemplar da *Revista Brasileira de Psicanálise*, que foi relançada anos depois. Marcondes era preocupado com a transmissão da psicanálise; assim, tentou parcerias junto à faculdade brasileira, mas não teve êxito. Em 1936, finalmente, Marcondes conseguiu a vinda de uma psicanalista didata do exterior, condição *sine qua non* para estabelecer a formação psicanalítica no Brasil, seguindo as normas da IPA. Assim, em julho de 1937 foi fundada a segunda *Sociedade Brasileira de Psicanálise* de São Paulo, pela psicanalista didata Adelheid Kock, que teve papel fundamental na transmissão da psicanálise, pois era a única professora, supervisora e analista autorizada. A *Revista Brasileira de Psicanálise* foi reeditada e tomou proporção nacional em 1966.

Em 1928 foi fundada a *Sociedade Brasileira de Psicanálise* no Rio de Janeiro; em 1948 a de São Paulo, e em 1972 a de Porto Alegre. Portanto, a transmissão da psicanálise no Brasil é relativamente nova. O atraso cronológico no reconhecimento da Sociedade Brasileira de Porto Alegre deveu-se à falta de psicanalistas didatas nesse local; a solução mais próxima foi contar com os psicanalistas vindos da Argentina (Buenos Aires), que era politicamente forte.

É importante diferenciar aqui as formações psicanalíticas pela IPA (freudianas) e as formações psicanalíticas lacanianas, pois são movimentos diferentes (técnica e teoria). Elas se completam, mas também há divergências entre elas. O movimento laciano no Brasil se deu na década de 1970; a visão laciana sobre a linguagem e o pensamento começava a ser divulgada por meio de publicações no periódico *Lugar* (s.d.). Em 1973 tivemos a primeira tradução de Lacan, o *Seminário I*, por Betty Milan, e publicado pela editora Zahar. Em 1979 foi criado o Instituto Jacques Lacan, cujo objetivo era trabalhar o saber constituído com a teoria psicanalítica. Esse momento parece ser um divisor de águas na orientação teórica do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, em que as escolas iniciaram uma “hierarquização de lugares”. Este capítulo mostra a entrada da psicanálise no Brasil e suas dificuldades apesar do êxito que há na atualidade, êxito que se deve aos batalhadores iniciantes que sempre acreditaram no trabalho eficiente da psicanálise e nas idéias de Freud.

2.1 INTRODUZINDO A AD E SEU ENCONTRO COM A PSICANÁLISE

Os conceitos que serão trabalhados na perspectiva da AD francesa são aqueles que possam propiciar um ‘entrelaçamento’ com o discurso da psicanálise (discurso, sujeito, ideologia, memória discursiva e o trabalho do analista do discurso), porém não é possível apresentar e discorrer sobre eles de forma fragmentada, pois encontram-se ‘embutidos’ um no outro. *Discurso* é um dos conceitos fundamentais para compreender os discursos que se propõem nesta dissertação, na medida em que se trata de uma posição de escuta do analista da AD e do analista da psicanálise. “De início, é interessante ressaltar que o objeto e objetivos da análise do discurso e da psicanálise se aproximam e se afastam radicalmente”. (MARIANI, 2003, p. 57). Pêcheux estabeleceu o discurso como objeto de investigação; seu objetivo é uma reflexão sobre o sujeito e o funcionamento lingüístico-histórico do discurso, para compreender a interpelação ideológica do sujeito condicionando a produção de sentidos no sujeito. A concepção de sujeito utilizada neste trabalho é a de sujeito dividido, um sujeito como efeito de linguagem, falado pelo inconsciente.

Pêcheux dirá que a categoria de sujeito de análise do discurso deve considerar esta causa [do que falha], na medida em que ela se “manifesta” incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/non sens do sujeito dividido. (MARIANI, 2003, p. 57)

Na citação acima Mariani, estudiosa da AD e da psicanálise, começa a mostrar as aproximações das duas teorias: elas têm estatutos particulares, mas isso não impede de estabelecer conexões; as duas recusam o apagamento da memória, cada uma a seu modo. A idéia do inconsciente está presente nos discursos de ambas também.

No retorno de Lacan a Freud, aquele nos mostrará que o inconsciente é a manifestação de um saber não sabido, de um desconhecido, não familiar ao sujeito; é algo totalmente sem substância, sem concretude, é o inabordável, e impensável. “O inconsciente é uma parte que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente.” (LACAN, 1998, p. 260).

Discurso: “Noção que já estava no uso da filosofia clássica, na qual, ao conhecimento *discursivo*, por encadeamento de razões, opunha-se o conhecimento *intuitivo*. Seu valor era, então, bastante próximo ao do *logos* grego” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 168).

A noção mais geral de discurso, implicando a idéia estrita de comunicação, é apresentada com os elementos que definem o que é mensagem, que constitui o esquema de relações específicas entre emissor, receptor, código, referente e mensagem. Assim, o emissor transmite uma mensagem ao receptor que é formulada através de código, referindo a algum elemento da realidade. Para a AD francesa, contudo, o discurso é efeito de sentido entre locutores. A palavra ‘discurso’, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de colocar em movimento. Na AD procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico. A linguagem é a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. O trabalho simbólico do discurso parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2002, p. 15).

Utilizarei, para desenvolver os conceitos da AD em muitos momentos, a obra de Eni Orlandi, autora que representa no Brasil uma das maiores expressões dessa área de estudos.

Segundo Orlandi (2002, p. 73), existe na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, que o faz autor; o autor é o lugar onde se realiza esse projeto: o sujeito se constrói como autor ao dar unidade ao texto com sua coerência e completude imaginária.

Uma vez que o homem está imerso na história, o discurso é o lugar em que se observa a relação entre língua e ideologia, entendendo-se que a língua produz sentidos para os sujeitos. Ao tentar trabalhar os sentidos dos textos temos que tentar entender seu modo de produção, pois a linguagem não é transparente; assim, a AD deve atravessar o texto para estabelecer seus possíveis sentidos, através da heterogeneidade da sua constituição. Não se

trata, pois, de encontrar o sentido “verdadeiro” ou de desvelar e desvendar o discurso, já que para AD e para a psicanálise não é possível despir um discurso.

A AD é uma teoria que se constitui “entre” espaços, constituindo-se da Lingüística, da Filosofia, da Psicanálise e das Ciências Sociais, modelando um campo próprio, de caráter semântico. Tendo como fonte e inspiração várias ciências, a AD projetou mecanismos para realizar a interpretação e a compreensão. A AD não fica na interpretação, ela trabalha seus limites.

Para Orlandi (2001, p. 19), a noção de interpretação passa por estes pressupostos: não há sentido sem interpretação; a interpretação encontra-se em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa. O trabalho do analista é compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentido. A incompletude é a característica de todo processo de significação, sendo a interpretação a função desta incompletude – incompletude que nos diz que sempre podemos ter outro sentido, que não há significação acabada; em outras palavras, segundo Orlandi (2001, p. 20), “[...] o sentido é o ponto nodal”. Assim, a AD reconhece, no lugar em que está, a impossibilidade de acesso direto ao sentido, e tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão, que produz os efeitos de sentido.

Quanto ao conceito de *formação discursiva*, pode-se dizer que o sentido não existe independente das formações ideológicas, mas que é determinado pelas posições ideológicas implicadas no processo sócio-histórico. As palavras mudam de sentido segundo a posição em que os sujeitos se encontram – posições que refletem, de modo geral, perspectivas sócio-ideológicas. A concepção de formação discursiva nos permite compreender o processo de produção de sentidos; sua relação com a ideologia possibilita ao analista perceber as regularidades no funcionamento do discurso. Assim, as formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas. O estudo do discurso, para a AD, significa explicitar a maneira como a linguagem e a ideologia se articulam e se afetam.

Na interpretação a relação com a ideologia está sempre implicada: o sujeito não pode não significar; na realidade não há *um* sentido, há um funcionamento da linguagem; o sujeito é a interpretação, fazendo significar ele também se significa, assumindo identidades. Se o sujeito, imaginariamente, aparece como a fonte dos sentidos, pela interpretação ele se submete (está condicionado) à ideologia e aos efeitos de sentidos. Haverá sempre a ilusão de que este sentido “dado” é o sentido verdadeiro e real. Deve-se estar atento relativamente ao que significa o *verdadeiro* e o *real*; este sentido produzido corresponde a ilusões que fazem com que aquela formação discursiva que “fala” daquela posição ideológica se apresente como uma fonte de verdades.

“A ideologia se caracteriza [...] pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade” (ORLANDI, 2001, p. 22). Isto significa que o funcionamento da ideologia tem o sentido de naturalizar tudo o que acontece no mundo.

O trabalho do analista do discurso é mostrar os processos de significação, como já foi dito anteriormente, mas há a necessidade também de uma passagem da noção de “função” para a de “funcionamento”, e da construção de um dispositivo de análise na noção de *efeito metafórico*. Para Orlandi, este é um ponto crucial do dispositivo analítico. Metáfora, na AD, se entende basicamente como “transferência” de sentido, estabelecendo o modo como as palavras significam. Nas palavras de Orlandi, Pêcheux via o sentido “exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório.” (ORLANDI, 2002, p. 44). Efeito metafórico é deslizamento, parte substancial do funcionamento discursivo – lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. É por isso que Orlandi assume que a metáfora “está na base da constituição dos sentidos e dos sujeitos” (2002, p. 81).

Os conceitos de sujeito e sentido indiciam a não transparência da linguagem. “A subjetividade pode interessar, discursivamente, pelo fato de que ela permite compreender como a língua acontece no homem. A subjetividade é assim estruturada no acontecimento do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 99). Encontra-se aqui presente a subjetividade como a forma de pensar discursivamente o sujeito como produto e processo de sentidos e, conseqüentemente, a opacidade do sujeito, da língua e da história. Sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo; a subjetividade, manifestada na articulação, ou seja, no embate que travam a língua e a história, da língua com a história, pressupõe o imaginário e a ideologia. A ideologia e o inconsciente interpelam o indivíduo em sujeito assujeitado. O assujeitamento, que fica assim evidente, não é algo quantificável: o sujeito não é mais ou menos subjetivado. O sujeito está assujeitado pela ideologia (mecanismo de esquecimento) e pelo inconsciente (no sentido de Lacan – o da linguagem).

Assim, o trabalho do analista do discurso me parece próximo daquele do psicanalista: ambos trabalham no entremeio e com significação, fazendo sentido para o sujeito naquele instante, bem como com a interpretação e a compreensão do funcionamento do discurso.

Sabemos que há proximidade e distância entre os dois campos, mas é exatamente pela afinidade que se pode articular uma pesquisa que possa contribuir para ambas as teorias.

Uma suposição sobre o trabalho da AD e da Psicanálise é de que o distanciamento maior entre as duas teorias é da escuta da psicanálise dirigida para o funcionamento do inconsciente do paciente, dentro de um *setting* psicanalítico: o psicanalista “existe” porque se encontra neste lugar transferencial. O analista da AD pensa em como o discurso se articula ideologicamente; ele “existe” diante de um discurso (publicitário, jornalístico, religioso, político, etc.) a ser analisado, independentemente da presença física do produtor.

Uma citação de Arrivé (1999, p. 11) que faz ligação entre a lingüística e a psicanálise é bem-vinda neste instante, mostrando que o encontro das duas disciplinas não é tranqüilo como parece; há diferenças e semelhanças bem definidas. A AD não é uma lingüística, mas ela surge, por diferenciação, no quadro da Lingüística. Tanto que para fazer AD, como diz Maingueneau, é preciso ser lingüista primeiramente, e depois ultrapassar a Lingüística. Pêcheux o fez também quando, em *O discurso: estrutura ou acontecimento?*, não abandona a estrutura, mas amplia o campo da língua.

A paisagem formada pelas relações entre lingüística e psicanálise e, mais profundamente, entre linguagem e inconsciente, não é muito serena. Tentar descrever esta paisagem é surpreender-se a cada passo. É constatar alternadamente os contatos mais íntimos entre as duas disciplinas e os desconhecimentos recíprocos mais totais e mais depreciativos. (ARRIVÉ, 1999, p. 11)

É impossível falar de linguagem sem falar de Saussure (pai da lingüística), assim como de Lacan. Com Saussure pensa-se numa teoria da linguagem, e quando se fala de Lacan, numa teoria onde a linguagem se desloca para a metalinguagem. Estamos situados no nível da metalinguagem de uma linguagem – a de Lacan – que é uma metalinguagem de uma outra linguagem, a de Saussure. Aqui podemos refletir: o que não é metalinguagem? As vezes dos outros todos são metalinguagens, assim pressupomos que fazer um trabalho sobre linguagem não deixa de ser realizar uma metalinguagem.

Segundo Jorge (2002, p. 69), o autor que contribui para a compreensão das convergências e das divergências entre Lacan e Saussure é Michel Arrivé. Cada um ao seu modo, Lacan e Saussure nos mostram o profundo parentesco entre suas reflexões sobre a linguagem: “O enraizamento saussuriano da reflexão lacaniana é autêntico e profundo”.

Para compreender o lugar do analista de discurso e do psicanalista é necessário efetuar uma revisão dos princípios que falam das técnicas e das teorias mais minuciosamente, portanto, a partir daqui irei discorrer sobre os detalhes que dizem respeito à existência e ao trabalho dos analistas e a seu lugar. Afinal podem os leitores se perguntarem quais são as “relações” Análise de Discurso e Psicanálise e para isso valho-me do texto da Marlene Teixeira (2005) *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do*

sentido do discurso, mais especificamente do seu segundo capítulo, que tem o título “O Atravessamento pela Psicanálise”. Podemos problematizar ao vermos que já pode existir algum tipo de enigma, no mínimo, apenas pelo nome que é dado ao capítulo. A autora inicia com os seguintes termos:

1. Necessidade e Natureza do Apelo à Psicanálise. É por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica que Pêcheux articula as três regiões em que seu projeto se institui: o materialismo histórico, a lingüística e a teoria do discurso. Gostaria de assinalar que a psicanálise não se apresenta aí como uma região a mais, ao lado das outras três que constituem o quadro epistemológico da AD; ela o *atravessa*. Ora, nomear esta relação pelo termo *atravessamento* significa reconhecer que a teoria psicanalítica da subjetividade afeta os três campos indicados no quadro definido pelo autor, juntamente com Fuchs (1975).

A autora esclarece que está falando do atravessamento apenas no que diz respeito à lingüística e à teoria do discurso. As relações entre psicanálise e marxismo, bem como quando acima, em meu texto, cito Dufour e a concepção de sujeito, não estão sendo colocadas em discussão, pois isto acarretaria discorrer em uma perspectiva epistemológica outra, e não é isso que se pretende aqui. Então, voltando ao que se pretende, qual é o apelo ou o chamamento que a AD faz à psicanálise? Teixeira (2005, p. 65) levanta três questões: a primeira diz respeito à necessidade de realizar esse empreendimento (apelar para a psicanálise); a segunda problematiza este atravessamento da psicanálise, e a terceira diz respeito às conseqüências deste chamamento. É aqui que se concentra a minha pesquisa, ou seja, o que, nesse atravessamento da AD, pode levar ao diálogo no trabalho do psicanalista? Trata-se em tantos textos do atravessamento da psicanálise na AD, e a psicanálise é muda quanto a isso? Quero deixar claro que percebo o trabalho das disciplinas como distintas e com metodologias diferentes, mas também penso que fazer pesquisa é poder achar uma pequena brecha, quero dizer, em que falta algo aqui? Posso colocar o trabalho da psicanálise e da AD e estabelecer um diálogo que possa ser produtivo em algum aspecto para o trabalho do psicanalista. Se um sujeito é concebido como origem, fonte intencional do sentido que exprime e que se apóia em um sujeito onde o real é o mundo dos fenômenos observados por esse eu que é dotado de razão e pode compreender o mundo a partir de sua própria razão de ser e como dono de seu “dizer”, não há brecha para que possamos pensar em efeitos de discurso e nem em psicanálise. Mas a concepção que Teixeira (2005, p. 67) evoca é do *efeito-sujeito*. É neste último conjunto que a psicanálise intervém. Assim, o sujeito é tomado como efeito, sujeito que é produzido e interpelado pela linguagem, tomado por uma clivagem essencial, onde o estatuto de coisas observáveis só pode ser outro, ou melhor o Outro, pois a possibilidade de transparência é aí imaginária. Vejamos esta citação:

Não é no intuito de buscar uma complementação em relação à lingüística ou à teoria do discurso que a psicanálise é chamada a intervir na direção que o presente trabalho adota. Para desenvolver este aspecto, tomo considerações feitas por Authier-Revuz e N. Leite. Ao reconhecer uma heterogeneidade teórica, Authier-Revuz não rejeita a especificidade de uma disciplina constituída, a lingüística, com um objeto real definido, a língua. Na sua perspectiva, porém, esse objeto é radicalmente constituído pela *falta* daquilo que a lingüística teve que abandonar para se configurar como ciência. Isso que falta insiste na língua, comprometendo a regularidade. Para estudar esse fenômeno, já vimos, é preciso recorrer a um campo exterior à lingüística propriamente dita. (TEIXEIRA, 2005, p. 68-69).

Nesta citação de Teixeira está bem claro que há necessidade de recorrer a uma disciplina exterior, pois existe uma falta, uma falha. Como diz Teixeira, este que falta encontra-se e insiste na língua, o que compromete a regularidade e a linearidade do discurso, daí o apelo ao exterior, o que não significa ser uma complementação, mas sim o reconhecimento da heterogeneidade que há no campo da enunciação. Portanto, trata-se de se pensar no que afeta um discurso por outro, o que demonstra um avanço teórico da exposição em que a AD está em relação ao saber do outro.

A “intervenção” da psicanálise na lingüística, lembrando que a AD antes de tudo é uma lingüística, tem tido avanços teóricos significativos nas últimas duas décadas, abordando a heterogeneidade do discurso e a análise das diferentes formas da língua, ocorre com a intervenção do inconsciente, o que faz a psicanálise estar presente no campo do discurso, e da lingüística.

Assim, trata-se precisamente de questionar os limites e as possibilidades destas disciplinas (AD e psicanálise), o que podemos definir por ora assim: a lingüística e a teoria do discurso fazem apelo à psicanálise, tomando-a numa dimensão epistemológica, e não clínica (ver TEIXEIRA, 2005, p. 72); se retomarmos agora a questão deste trabalho, eu pergunto: se o discurso falha, se a língua é feita de incompletude, de que forma os pressupostos de uma teoria do discurso podem afetar o trabalho do psicanalista? No que a Psicanálise, em sua essência, que é a clínica, pode voltar-se à teoria do discurso?

2.2 ANALISTA DO DISCURSO E (PSIC)ANALISTA: EXISTÊNCIA E TRABALHO

Discute-se, nas escolas de Psicanálise freudianas e lacanianas, o *status* das teorias e de seus autores. Lacan, ao tratar do analista da psicanálise, sobre a existência do analista, se pergunta: “em que estou eu autorizado?” (cf. LACAN, 1998). O lugar do analista da AD é

discutido pelo deslizamento que ocorre dos conceitos de uma disciplina (psicanálise) para outra (AD) e porque é um campo de discussões de ricas produções teóricas.

A idéia proposta por Lacan sobre a existência do analista é de que não existe Idéia do psicanalista; *o Analista* (com A maiúsculo e artigo definido) não existe; existem apenas analistas, no plural, particulares, diferentes, cuja aptidão para suportar a função analítica deve ser verificada em cada um individualmente. Se não existe analista modelo, é claro que não se pode declarar ninguém *o* analista por excelência (HORNE, 1999, p. 6). No texto *A Excomunhão* (1961, p. 9), Lacan se diz destituído desta função: “Como alguns sei, eu me demiti desta função em razão de acontecimentos sobrevindos no interior do que chamam de uma sociedade psicanalítica, e justo aquela que me havia confiado essa função”. Lacan refere-se à IPA, instituição psicanalítica criada por Freud, na qual ele estudou por 36 anos; após rompimento, “reescreve” os textos de Freud acrescentando para a psicanálise reflexões importantes acerca da teoria e da técnica.

No que diz respeito ao trabalho do analista, desenvolverei os principais conceitos do analista do discurso da linha francesa e da psicanálise, pois se há “o” analista é porque há um campo teórico que sustenta este lugar, bem como um discurso a ser analisado e para ser percorrido no campo teórico. Entenda-se aqui que abordarei o analista em uma posição subjetiva que observa e analisa o discurso a partir de pressupostos teóricos da AD francesa ou da Psicanálise. Começemos pelo *desejo*, pois é por ele que esta (dissertação e autora do trabalho) se faz e se sustenta.

“O desejo do analista é sem dúvida uma categoria ética” (MILLER *apud* HORNE, 1999, p. 63). O desejo é uma das “posições” que o analista deve considerar que ocupa, pois o sujeito é um sujeito do desejo, assim como do inconsciente.

A posição do analista pode ser o trabalho do analista em direção ao tratamento do que está sendo escutado e analisado. O analista deve e pode utilizar-se das recomendações que se faz para ocupar este lugar. Desde o início Freud esforçou-se para que cada psicanalista ocupasse este lugar; ele designou à Associação Psicanalítica Internacional (IPA) a tarefa de garantir “o ouro puro da análise”, segundo Horne (1999, p. 63). Lacan denunciou o uso sistemático das recomendações técnicas de Freud e apontou os impasses com que se defrontava a teoria por ter-se afastado da determinação simbólica. Assim, convocou os analistas a voltarem seus passos para uma instrução inicial de Lacan, que é o retorno a Freud. As recomendações mais significativas de Freud ao analista foram: que os analistas levassem “a cabo” produzir psicanálise nas seguintes condições: assumir e manter sua posição na chamada “atenção flutuante” e considerar a “regra de abstinência” (ver obras completas Standfor em seu texto de 1923).

Serge Cotte (*apud* HORNE, 1999, p. 65) traduz a atenção flutuante como à atenção dada igualmente ao significante e ao significado; Freud a define como um lugar de ouvir, impondo silêncio e abstinência de afetos, principalmente em tentar compadecer-se, dar recomendações ou curar o paciente. As recomendações de Freud deram lugar a polêmicas e posições diversas no interior da Associação Internacional de Psicanálise (IPA). A regra da abstinência foi sendo compreendida como uma neutralidade que se caracterizava em uma silenciosa indiferença e passividade formal. Por exemplo, há técnicas que recomendam não falar durante os três primeiros meses de tratamento. Por outro lado, surgiam técnicas menos “rígidas” e ditas “mais humanas”. O excesso de cuidado de Freud em suas recomendações trouxe interpretações diversas incluindo as mais rígidas e “catastróficas”. Uma das saídas foi o desenvolvimento do conceito de *contratransferência*.

Nos textos de 1912, utilizando-se de metáforas que ilustrassem a posição de escuta em *latência* (e não do *manifesto*), Freud recomendava direcionar o inconsciente para o inconsciente do emissor, advertindo sobre os cuidados que o psicanalista deve ter para não substituir com a própria censura o conteúdo a que o paciente renunciou.

Com a retomada de Freud por Lacan, este nos surpreende ao afirmar que o sujeito do analista desaparece, e fica o sujeito do discurso inconsciente. Neste ponto é importante fazer algumas considerações sobre o silêncio.

Na história da técnica de Freud, o silêncio é tratado de forma a colocar o analista na neutralidade; em Lacan, o silêncio do analista não é uma questão de falar ou não, mas de economizar palavras; escutar é o papel que a regra fundamental lhe atribui: o sujeito representa-se por um significante, ele fala, enquanto o analista escuta e promove a palavra do sujeito. A partir deste silêncio inicial é que desencadeia a articulação significante cujo resultado será o sujeito inconsciente do discurso. Esse particular silêncio é, em seu núcleo, um silêncio de desejos, é o silêncio de ser mestre, de ser guia, do pedagógico e da cura. Segundo Horne (1999, p. 68), é o apagar de todo o desejo do analisante, para tornar o desejo do analista o desejo impessoal que sustenta a marcha da análise. Essa posição exige disciplina e uma postura contemplativa; se o analista intervém, não o faz dando significado. A frase popular: “Freud explica” pertence à psicanálise do passado: o analista não explica, mas mantém o tenso trabalho do analisante, que trocou o termo de *analizando* ou paciente (o que recebe explicações) pela forma ativa de *analisante*, aquele que procura, aquele que interpreta.²

No texto de Lacan *Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise* (Relatório ao congresso de Roma, de 1953, início de seu trabalho propriamente psicanalítico), ele deixa bem claro: “O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, uma

² A troca da nomenclatura de *analizando* ou paciente para *analisante* corresponde a uma mudança de concepção.

patada. Assim procede, na técnica zen, o mestre budista em busca de sentido. Cabe aos alunos buscarem respostas às próprias perguntas.” (LACAN *apud* HORNE, 1999, p. 69).

Segundo Miller (1983, p. 72), a transferência não é algo diante de que os psicanalistas devam se ajoelhar, pois ela está em comunhão com o lugar do suposto saber que possibilita a transferência. O suposto saber situa a transferência como mera consequência da situação analítica. O que Lacan denomina ‘discurso analítico’ não se refere ao que o psicanalista relata, mas à estruturação da situação analítica. A estrutura da situação analítica coloca em primeiro plano o psicanalista em condição de ouvinte do discurso que ele estimula no paciente. Esta posição de ouvinte, segundo Miller (1983, p.72), é uma posição passiva; quem está em atividade analítica é o paciente. Em psicanálise a estrutura analítica é assimétrica, pois um (o paciente) entrega o material e o outro (o analista) tem por função estrutural escutá-lo, compreender, e em certas ocasiões interpretá-lo. Esta posição de intérprete faz do psicanalista o “amo da verdade”, que deve ser muito prudente neste lugar que implica a responsabilidade do analista, responsabilidade essencial que constitui a dignidade da sua função.

Para Miller (1982, p. 73), a abertura à transferência se dá pelo único fato de que o paciente se coloca em livre associação, em busca da verdade sobre si mesmo, sobre sua identidade e seu desejo. Busca-se no que Lacan diz ser o limite de sua palavra, e o limite de sua palavra está na escuta do analista, que faz sentido. É por isso que seu silêncio é fundamental: é este silêncio que dá lugar ao desdobrar da palavra; o analista não se deve precipitar a satisfazer a demanda do paciente, e a demanda do paciente é: quem sou? Qual é o meu desejo? Quando esta demanda é prontamente atendida, isto pode se tornar um “empecilho” na situação analítica.

No texto *A direção do tratamento*, nos *Escritos* de Lacan (1998, p. 585), ele remete novamente à pergunta sobre quem analisa hoje; Lacan realiza uma reflexão de que se espera que a análise traga traços do analisante, mas os efeitos que esta análise ocasionaria na pessoa do analista podem deixar o psicanalista em situação de suspense. A contratransferência, que foi tão temida e vista por Freud como algo perturbador na análise, se torna neste momento um elemento importante para a situação analítica, que é dual. “[...] pensem na altivez de espírito de que damos testemunho ao nos mostrarmos feitos, em nossa argila, da mesma daqueles que moldamos” (LACAN, 1998, p. 585). Nesta citação o que se compreende é que o analista fica num estado de agitação ou de angústia ao perceber que podemos compreender o discurso do paciente através do que queremos e do que podemos compreender, “um molde”. Em uma análise tudo que se pretende é não dirigir o tratamento; a direção da consciência como um guia moral está excluída da atuação da psicanálise.

A direção do tratamento é outra coisa; deve-se fazer com que o sujeito aplique a regra analítica, e seria melhor se o sujeito não pensasse nelas (associar livremente). Este contrato inicial se dá na forma de instruções, que aparecem no seu enunciado de acordo com a sua formação teórica. O assunto de que se trata e que é o motivo desta dissertação é direcionado para o analista.

Digamos que, no investimento de capital da empresa comum, o paciente não é o único com dificuldades a entrar com sua quota. Também o analista tem que pagar: - pagar com palavras, sem dúvida, se a transmutação que elas sofrem pela operação analítica as eleva a seu efeito de interpretação: - mas pagar também com sua pessoa, na medida em que, haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência; - e haveremos de esquecer que ele tem que pagar com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser: seria ele o único a ficar fora do jogo? (LACAN, 1998, p. 593).

Esta citação de Lacan nos coloca dentro do aparato da técnica e da situação analítica: o psicanalista está fortemente envolvido com a situação analítica. Lacan utiliza também o termo “pagar”: o analista tem que pagar com palavras e sustentar a transferência e os fenômenos que ocorrem nesta situação. A pergunta final de Lacan me parece irônica, como se ele estivesse “dizendo” (e está dizendo) que o psicanalista é o que está dentro da situação analítica além de estar em constante sustentação da relação dual e implicado no tratamento do seu analisando. A transferência é um dos pontos que desdobra o analista e é aí que se busca a pessoa do analista; como diz Lacan, é um dos pontos centrais na construção da pessoa “real” do analista: a psicanálise deve ser estudada como uma situação a dois. Numa relação a dois sempre se experimenta a transferência e a percepção de que esta relação é diferente de qualquer outra relação a dois, pois encontram-se aí os elementos que estão presentes em uma situação analítica.

Apresentei até aqui aspectos da transferência, que é fundamental para compor a situação analítica, mas junto a ela está a contratransferência. Os elementos contratransferenciais estão o tempo todo presentes, desde o caso Anna O.; Breuer, sem compreender o que ocorria (trata-se de um período ainda pré-psicanalítico – 1880), afastou-se de sua paciente por assustar-se com o que ocorria com ele e sua paciente, que nada mais era que a transferência de amor intensificada. A neurose de transferência é necessária para “acontecer” a psicanálise; envolvendo a transferência (sentimentos que o paciente tem pelo psicanalista) e a contratransferência (sentimentos que o psicanalista tem pelo paciente), o fazer psicanalítico é uma comunicação de inconsciente para inconsciente.

A relação do paciente com o analista é, do ponto de vista técnico, o essencial, temos que atribuir significado central também à contratransferência, por vários motivos, mas antes de tudo, porque é através dela que sentimos e compreendemos o que o

paciente faz na relação com o analista e diante dos seus instintos e sentimentos para com o analista. A interpretação transferencial está intimamente ligada com a contratransferência (RACKER, 1982, p. 57).

Na citação acima fica evidenciado que a relação analítica só ocorre porque há a contratransferência, e assim a possibilidade de interpretação sobre os aspectos do paciente; assim podemos ver que esta situação dual é singular em cada situação analítica, pois cada paciente desperta sentimentos diferentes um dos outros. O analista é um catalisador, continente e depositário do que o paciente traz.

“A realidade constante da transferência é respondida pela realidade constante da contratransferência e vice-versa” (RACKER, 1982 p. 56). Com esta afirmação fica evidenciado o quanto a realidade da situação analítica corresponde às relações transferenciais e contratransferenciais; para isso o psicanalista deve ter passado por uma “purificação analítica”. Freud cita este termo em seu texto de 1923, *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, escrito em um momento de grande expansão da psicanálise e de sua prática psicanalítica. Portanto, sua preocupação neste texto quanto ao exercício em si é significativa, apesar de hoje ela ter-se tornado simbólica. Freud preocupava-se com a preservação do *setting* analítico, ou seja, que fossem mantidas as regras fundamentais, que são: a atenção flutuante, a regra da abstinência, a neutralidade, o número de sessões e duração das sessões, entre outras.

Neste cenário que compõe uma situação de análise há o sujeito do discurso, o inconsciente, a ideologia, o apagamento de sentidos, entre outros tantos conceitos com que a AD francesa trabalha, contribuindo com outras disciplinas para a compreensão da construção e circulação de sentidos.

Segundo Maingueneau (2000, p. 43), o discurso “designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados”. Retomo aqui o discurso, pois tratamos neste trabalho sobre uma dupla que contempla um discurso, o discurso da AD e da Psicanálise, sobre seus analistas, assim como da dupla que envolve a situação analítica. Nesta citação podemos perceber que para Maingueneau o discurso é determinado pelo contexto em que se encontram as pessoas; se assim pensarmos na posição do analista, ele apenas pode falar “como” analista no momento em que está autorizado pelo analisando como analista, e esta posição só está designada a partir do momento em que ocorre a transferência (no discurso da psicanálise); na AD quem autoriza o analista a ser um analista de discurso certamente é sua “escola”, ou seja,

sua história pregressa nas instituições formadoras. Refiro-me às universidades principalmente; aqui há um diferencial importante entre a Psicanálise e a AD.

A formação analítica da psicanálise acontece em escolas de psicanálise, com formação específica que não fornece titulação de grau; trata-se de um “curso” em que o sujeito fica imerso por um determinado “tempo” realizando atividades determinadas por aquela escola, que, ao final, outorga um título.

Os discursos se constroem, para Maingueneau, como se constroem as articulações entre discurso e condições de produção, segundo Guirado (1995, p. 31). O que determina o lugar em uma formação discursiva é o que passaria a manifestar aspirações e interesses de categorias. O espaço do enunciado supõe um grupo específico e sociologicamente caracterizável, não é um agrupamento aleatório ou fortuito. Entendemos, assim, que práticas discursivas podem ser como “regiões” de uma formação discursiva. Para Foucault, em seu conhecido texto *A ordem do discurso*, da década de 70, os modos de controle social da produção de discurso são organizados da seguinte forma: (a) por procedimentos “externos” de controle; (b) procedimentos “internos”; (c) procedimentos de utilização.

Vejamos esta citação de Foucault (*apud* GUIRADO, 1995, p. 34-35):

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso está controlada, selecionada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função excluir poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade.

Foucault apresenta neste texto, que é explorado por Eni Orlandi, as questões relativas às condições de produção do discurso: os enunciados não são aleatórios e nem displicentes, há um grupo “gestor” dessa produção; os discursos são elaborados a partir de formações discursivas.

O controle exercido na produção de discurso se afunila quando se fala da psicanálise, pois Freud trouxe para a superfície das mentes o conceito de sexualidade, que estava adormecido até a década de 1920, assim como os sonhos e o conceito de inconsciente. O discurso da psicanálise gerou uma repulsa tão grande que Freud ficou excluído do meio médico por 20 anos, sem ser convidado pelos médicos para proferir palestra. Assim, pode-se perceber que a psicanálise, historicamente, já vem marcada por um processo de exclusão, e nos dias atuais não é diferente – afinal, a psicanálise tem apenas 100 anos. Freud morreu em 1939 e Lacan em 1981, portanto quase tudo que foi dito ainda é discutido e questionado; há quem diga que a psicanálise não é ciência, mas não cabe aqui discutir o conceito de ciência ou a própria ciência.

Com referência à concepção de ciência, é importante recorrermos ao conceito de “autoria” desenvolvido por Foucault. Recorro ao conceito foucaultiano porque a ciência é que autoriza os sujeitos a procurar e a dizer as “verdades” numa determinada época histórica. Em um trabalho que tem suas bases em situações subjetivas, teremos de deixar este espaço científico, por enquanto. A Psicanálise é um construto de hipóteses sobre a formação do indivíduo e sua psique.

O conceito de autoria, para Foucault (encampado e rediscutido pelos analistas do discurso), diz respeito ao agrupamento do discurso como uma unidade, uma organização de suas significações, para obter coerência. Autor não é quem pronuncia um texto, ainda que seja impossível negar a existência do indivíduo; mas é no ato de produzir um agrupamento coerente que ele assume a função-autor; tudo já está prescrito para o exercício da função-autor tal como ele a recebe de sua própria época e tal como a modifica. Mas Foucault não credita autoria àquele que escreve uma carta privada ou redige um contrato, ou a alguém que anonimamente rabisque uma parede. Para ele, a função-autor se vincula a um modo específico de existência, de circulação e de funcionamento de “alguns discursos”.

Na AD a noção de função-autor é reelaborada a partir de Foucault: Orlandi afirma que o efeito de unidade e coerência do texto *deriva* do princípio de autoria; em Foucault, a autoria surge como projeção do próprio tratamento dos textos – o que significa que, na AD, esse princípio rege qualquer formulação textual, e não apenas alguns textos.

Se para os analistas do discurso a autoria ocorre como um lugar específico e função específica da subjetividade, produzindo unidade e coerência (dando corpo ao discurso), estamos falando de um sujeito da AD muito próximo ao sujeito da psicanálise, ou seja, um sujeito que não é visto como individual, mas sim imerso no desejo e no assujeitamento, incluindo os analistas do discurso (da AD e da Psicanálise).

Retomemos a questão central desta pesquisa: “qual é a posição do analista?”. Para tal podemos entrelaçar Lacan neste discurso que retoma Freud em seus trechos e textos e o “ressignifica”, propiciando outra significação na perspectiva de produzir uma psicanálise onde os termos sujeito/linguagem/inconsciente estão entrelaçados sem estarem sobrepostos. Aqui destacarei o sujeito simbólico, não excluindo os registros imaginário/simbólico/real.

Sujeito, em Lacan, é posição e não um conjunto de conteúdos ou qualidades internas. É posição numa estrutura (um sistema de regras ou convenções, funcionando como um código) que o determina e o marca como dividido (GUIRADO, 1995, p. 71). Um sujeito dividido entre consciência e inconsciente – não que a consciência marque a racionalidade e o inconsciente marque a irracionalidade, isto porque o código estruturante tem como efeito que onde se pensa “ser” sujeito é exatamente onde não se é (o imaginário). O sujeito simbólico é o

sujeito da linguagem, sistema de regras e convenções de um registro simbólico. Esta condição de pensar está ligada ao sistema de regras que o sujeito está ocupando. “E disto não se dá conta o... sujeito. Penso o que sou ali, onde não me penso pensar.” (GUIRADO, 1995, p. 72).

Quando o paciente está falando o analista está dando atenção à posição do sujeito, determinada pelo encadeamento de significantes acionados no discurso. A posição em que o sujeito é colocado pelo seu discurso revela mais o que o conteúdo que o paciente diz sobre si mesmo.

Articulando a psicanálise com o princípio da AD de que nos discursos o que tem de ser olhado é seu funcionamento a partir das condições de produção, e não seu conteúdo (lembramos a crítica ao conteudismo), isso também remete à idéia de que para analisar é preciso ir além da interpretação, deslocar-se para o nível de compreensão teórica da prática discursiva. É através do conteúdo que o paciente fala que nos mostra a posição que ele ocupa, portanto seu discurso deve ser escutado como um todo. Para fazer referência à importância da manutenção da atenção flutuante, é necessário entrar neste cenário da situação analítica; em termos lacanianos, a análise é entendida como relação entre falantes. A análise é um processo desse sujeito inconsciente, numa relação dual em que os sentidos se constroem. Nesta especial interlocução, a interpretação desempenha uma função ímpar e operativa, longe de ser uma comunicação com os significados convencionais da linguagem, estas concepções são pensadas nas “instituições de ensino” da psicanálise, desde as universidades até as formações psicanalíticas. Pensar escola em AD francesa parece-me um “pouco” diferente de pensar as instituições formadoras de psicanalistas, até porque a psicanálise é um conjunto de pressupostos teóricos do qual qualquer um pode apropriar-se, do que não se pode apropriar na solidão ou em estudos, ou seja, o psicanalista precisa da interlocução e de sua análise pessoal; todas as instituições psicanalíticas concordam em que isso faz parte da formação para a obtenção do título de psicanalista. Vejamos um pouco sobre a “escola” a partir de um texto de Orlandi (2003): *A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*.

Vou tomar a questão da “Escola” da análise de discurso na perspectiva das idéias lingüísticas. Nessa perspectiva, teria reservas a dizer que há uma escola de análise de discurso francesa. Questiono o sentido que pode tomar “Escola”. Quem assim a nomeou na França foi Guespin, partidário de que a análise de discurso fosse parte da sociolingüística, o que gerou enorme polêmica. Mais tarde, depois da morte de Michel Pêcheux, este nome tem sido dado a trabalhos que são de muitas e diferentes ordens teóricas, metodológicas e que nada tem de articulado em seus procedimentos. São um pacote de estudos de diferentes disciplinas da linguagem como a própria análise de discurso mas sobretudo da pragmática, da lingüística textual, da teoria da enunciação, da sociolingüística etc. Portanto este nome escola de análise de discurso francesa não recobre um conjunto de trabalhos que tenham uma consistência interna (teórica) e histórica

Estamos, assim, diante de uma formação da AD francesa que ainda é questionada: Orlandi nos diz que falta consistência teórica e histórica ao que a denominação recobre, ou uma instituição de caráter formal. Orlandi propõe que, para se pensar em uma escola de AD francesa, se possa articular a história do conhecimento metalingüístico com a história da constituição da própria língua, enfatizando que a ciência da língua não é linear e nem está desligada do lugar em que se produz. Outro trecho de Orlandi, transcrito abaixo, preconiza e reconhece um espaço específico, delimitado para a escola da análise do discurso.

Finalmente, e isto é o mais importante, podemos reconhecer nos estudos e pesquisas sobre o discurso uma filiação específica que teve como um de seus fundadores Michel Pêcheux e que se desenvolveu mantendo consistentemente certos princípios sobre a relação língua/sujeito/história ou, mais propriamente, sobre a relação língua/ideologia, tendo o discurso como lugar de observação dessa relação. E aí podemos falar de como os estudos e pesquisas da análise de discurso, dessa filiação, se constituiu com sua especificidade no Brasil, na França, no México etc., tendo no Brasil um lugar forte de representação. A isto podemos chamar Análise de Discurso Brasileira.

A ciência se produz em diversos lugares e com a marca e a especificidade de sua tradição. Assim, o Brasil é um desses lugares em que a ciência da linguagem opera com grande capacidade de descoberta e de elaboração.

A análise de discurso praticada pelos analistas de discurso considera a língua um fato social, pensando a língua como fato social significando o que é social, ligando a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia, a língua e o inconsciente. Estas são as ferramentas que a AD francesa pensa no funcionamento da língua e do discurso. A AD é uma disciplina de *entremeio*, uma disciplina que pode ser pensada a partir de pressupostos de outras disciplinas, entre elas a sociologia, a antropologia, a filosofia e a psicanálise (que é a outra disciplina de que tratamos aqui). Lembro aqui a metalinguagem, e uma frase ímpar de Lacan: “Não há metalinguagem”.

Quero aqui apenas deixar “levemente” demarcadas as ferramentas que cada disciplina utiliza para pensar o sujeito e seus sentidos.

O símbolo é entendido pela sua diferença e não pela sua semelhança, ou seja, “olha-se” para o peculiar do sujeito, para o que o possa “individualar” enquanto sujeito inconsciente; assim, podemos pensar que é nas regiões de sentido demarcadas pela construção analítica que o analista “encontra” o seu lugar, ou melhor, se faz um analista naquele momento.

Uma primeira aproximação da AD francesa com a psicanálise, segundo os princípios delineados acima, é de que só existe analista do discurso na medida em que haja um discurso a ser analisado... Argumento: se a subjetividade se manifesta e há processos de

identificação, caracteriza-se um sujeito-analista, que surge como analista quando exerce uma posição específica: sua relação com o objeto de análise com base em um dispositivo teórico e um dispositivo analítico (há também, por exemplo, analistas de sistema, analistas “econômicos”...). Enfim, abre-se mais uma questão que não compete a este trabalho investigar, mas para alguns analistas do discurso o analista se faz analista por si próprio, instrumentalizando-se com sua teoria e a escola de onde advém sua legitimação; para outros analistas do discurso, só há analista se se está diante da “necessidade” de analisar um discurso, seja ele qual for: o político, religioso, publicitário, etc. A psicanálise analisa o discurso do paciente dentro da situação analítica.

Podemos compreender que a posição subjetiva do sujeito em questão que analisa discursos, diz respeito àquele sujeito que “implicado em seu próprio discurso e nos postulados de análise, elege necessariamente um lugar para investigar o discurso (em princípio o discurso do outro).” (FURLANETTO, 2002, p. 42). Para dar continuidade às reflexões sobre o analista do discurso, utilizarei o texto de Furlanetto:

A ideologia produz evidências; a ideologia constitui sujeitos e sentidos, trazendo à tona certas imagens; ao mesmo tempo, dissimula sua existência, mostrando objetivações (produzindo “esquecimentos”). A consequência metodológica seria: só uma teoria não-subjetivista da subjetividade poderia discutir e estudar esses “efeitos de evidência” [...]. Seriam “evidências”: a realidade do mundo, a realidade de si e dos outros, a realidade dos sentidos; assim encarada, a ideologia, muito mais que “ocultação”, aparece como uma função necessária entre linguagem e mundo. (FURLANETTO, 2002, p.43).

Na citação acima, temos algumas evidências de que esta introdução do texto de Furlanetto faz aproximação da psicanálise ao se referir a “esquecimentos”, “evidências”, “realidade dos sentidos”. Enquanto a AD se ocupa em falar de ideologia, a psicanálise se ocupa em falar das formações do inconsciente. Ao começar a me aproximar um pouco das teorias trabalhadas e estudadas, começam a ficar mais claras as convergências entre ambas – embora as convergências em si mesmas não sejam o que se busca de mais importante aqui. Os esquecimentos, assim como os atos falhos, e a possível evidência dos sentidos são olhados pela psicanálise como um trabalho do inconsciente, e pela AD como efeito da ideologia – associada ao inconsciente. Se o analista do discurso está assujeitado pela ideologia e pelas redes de poder, como poderia o psicanalista ou o analista da AD não interpretar, neste sentido de ideológico e inconsciente. A comunicação entre analista e analisante é de ordem inconsciente, portanto, este lugar já está ocupado, o lugar do “não saber ideológico e inconsciente”.

“Visto que a ideologia, ‘independente’, cria o sujeito [...]; que ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (trata-se aqui de um conceito derivado do

Inconsciente segundo Lacan); que o significante lingüístico (parte da língua) é regido pelo equívoco, pela opacidade” (FURLANETTO, 2002, p. 43-44), confirma-se que o analista não é um ser único e “imune”, mas que está, sim, à mercê do inconsciente seu e do de seu paciente (do discurso que se encontra aí para ser analisado) e imerso na ideologia, portanto há aqui uma contribuição importante de que os psicanalistas podem se beneficiar: começar a pensar e a estudar os efeitos da ideologia na situação analítica e como se apresenta nas interpretações, ou seja, pensar na “neutralidade” do psicanalista. Não estou aqui dizendo que os psicanalistas não exercem a neutralidade, creio que sim, mas de qual neutralidade se trata? Por onde caminha esta neutralidade? São apenas questões que surgem no decorrer de uma produção teórica e que me estimula a convidar os leitores a discutir a respeito.

Ah, então a psicanálise pode ser diferente!?! Exclamavam os alunos surpresos ao descobrirem nas aulas de Gisele Sanches – psicanalista e professora do Instituto Sedes Sapientiae – que a psicanálise não tem que ser, necessariamente, aquela experiência de muitos anos de duração; na qual obrigatoriamente se teria que deitar num divã: cuja frequência das sessões não poderia ser mais do que quatro vezes na semanais; em que o analista passaria longos períodos em silêncio, numa postura fria e distante; na qual não haveria qualquer promessa de melhora, cura, solução de problemas, nas profundezas do inconsciente, sem garantia de qualquer ganho ou gratificação... (Revista Brasileira de Psicanálise, p.202,2006).

Esta citação evidencia que a psicanálise ainda traz as marcas de uma técnica de difícil acesso, porém atualmente sabemos que há diferença entre fazer psicanálise (processo de análise) e fazer psicoterapia de orientação psicanalítica, não que uma seja mais fácil que a outra, mas a análise é um processo de maior profundidade, visando observar núcleos psicóticos e narcísicos inconscientes. A palavra ‘inconsciente’ traz a ressonância de ser algo profundo, nas trevas, algo quase inalcançável. Sabemos que hoje a psicanálise encontra-se menos mistificada e mais acessível aos olhos da população, e isto se deu a partir dos comentadores das obras freudianas.

Um importante aspecto que se percebe é que a intersubjetividade é um elemento sempre presente na situação analítica. “A subjetividade do analista seria a presença ineludível e permanente na relação analítica. O analista estaria presente na relação, não como um “espelho”, mas com todo o peso se sua subjetividade”. (Revista Brasileira de Psicanálise, 2006, p. 92). Na obra freudiana encontramos o que entendemos atualmente de subjetividade do analista; observam-se aspectos do aproveitamento daquilo que é próprio do sujeito:

- a) noções de “tato” e “empatia”, o “colocar-se no lugar do outro”;
- b) o inconsciente do analista capta o inconsciente do paciente;

- c) há um ponto que merece atenção especial: “Nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências.” (FREUD apud SANCHES, 2006).

Na *Carta 27 a W. Fliess*, Freud explicita o que acontece em uma relação analítica, que, para ele, está longe de ser um campo impessoal e frio: “Esta psicologia é realmente um fardo pesado. Jogar bola e colher cogumelos são, por certo, passatempos mais saudáveis”. Nesta consideração conseguimos perceber que Freud refere-se à contratransferência, a fantasia de que o interlocutor pode ser depositário de sentimentos, idéias e assemelhados que foram dedicados, realisticamente ou não, a personagens importantes da infância da pessoa.

A subjetividade é um elemento fundamental e não constitui um “acidente de percurso”, como Freud inicialmente pensava.

Racker (1953/1948) e Heimann (1950) formularam algo pertinente ao método psicanalítico que repercute até hoje: determinados sentimentos do analista poderiam ser elaborados e considerados indicadores de estados mentais do paciente, sendo então utilizados como instrumento de interpretação. Independente de aceitá-las ou não, estas posturas podem ser vistas como tentativas de focalizar os estados mentais do analista. (SANDLER; FILHO, 2006, p. 93).

Nesta citação da coletânea de artigos da *Revista Brasileira de Psicanálise* (v. 39 de 2006), o que posso notar é que os psicanalistas estão implicando com a postura e talvez o lugar do analista, visto que alguns artigos dizem respeito à figura do analista, em uma época em que passamos por uma desconstrução do sujeito neurótico e cliva-se o sujeito perverso. É provável que a postura e o lugar que vêm ocupando não só o analista, mas também a psicanálise, devem ser no mínimo discutidos cotidianamente.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Quero enfatizar a importância do percurso teórico realizado como também suas limitações, para que o leitor possa ter clareza do que norteia este trabalho. Como é possível falar de sujeito do inconsciente ao estilo psicanalítico e da AD francesa, apresentarei um possível diálogo entre as disciplinas, e portanto é esta a questão presente neste trabalho.

A análise será realizada a partir da comparação entre os discursos colhidos nas entrevistas realizadas com os psicanalistas e com os analistas do discurso da AD francesa, através de comparações levando em conta os pressupostos teóricos que foram levantados neste trabalho.

Esta pesquisa é qualitativa, descritiva (Psicanálise/Análise do Discurso) a partir de estudo de caso, com análise de entrevistas feitas com analistas das duas áreas. Considerando minha experiência em atuar na clínica de orientação psicanalítica, também observo o próprio lugar de escuta. Segundo Rauen (2002, p. 210), um estudo de caso implica analisar “algo que tem valor em si mesmo. O alvo são as características que o caso tem de único, singular ou particular. Mesmo que existam casos similares, um caso é distinto e, por isso, causa interesse próprio”.

A amostragem envolverá dados do *corpus* obtido junto a psicanalistas e analistas do discurso. Foram entrevistados dois analistas do discurso da AD francesa, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), e dois psicanalistas didatas de sociedades brasileiras de psicanálise filiadas à IPA (*International Psychoanalytical Association*), de Porto Alegre e de São Paulo. É uma pesquisa bibliográfica e de campo com revisão teórica da AD francesa e da Psicanálise tendo como instrumento uma entrevista semi-estruturada gravada com gravador de voz, da qual serão recortados os trechos relevantes para a análise.

A pergunta que foi proposta aos psicanalistas e aos analistas de discurso, respectivamente, foi:

- 1) Que lugar ocupa o psicanalista na situação analítica?

2) Que lugar ocupa o analista do discurso na escuta do discurso a ser analisado?

As entrevistas gravadas foram transcritas *ipsis litteris*. Para a análise dos dados coletados serão utilizados apenas recortes das entrevistas, sem informação de quem é o entrevistado. Teremos a visão do analista de discurso da AD francesa e do analista da psicanálise sobre o lugar que ‘se ocupa’ diante de um discurso a ser analisado. No momento das entrevistas, que foram semi-estruturadas, não havia categorias de análise formadas, definidas, pois com categorias prévias, ainda que úteis em certo sentido, corre-se o risco de marginalizar o que escapa a elas; as categorias foram pensadas e criadas após as entrevistas transcritas e com um re-olhar no aparato teórico que foi investigado nesta dissertação.

Utilizarei as seguintes abreviaturas para identificar os recortes:

E. – Entrevistador (pesquisador)

Psic. – Psicanalista

Ad. – Analista do discurso da AD

Psic. A e Psic. B – Psicanalistas A e B, e

Ad. A e Ad. B – Analistas do discurso da AD A e B

As entrevistas serão olhadas a partir da revisão teórica realizada das aproximações, distanciamentos, usos de linguagem, palavras que vão abrindo para efeitos semelhantes entre a AD e a Psicanálise, assim como entre as respostas dos analistas de discurso da linha francesa e dos psicanalistas didatas das Sociedades Brasileiras de Psicanálise, que se encontram listadas em categorias o foco da observação é o lugar do analista, mas não deixarei na sombra outros dados que aparecem nas entrevistas e que se mostrem relevantes para este trabalho.

Os poetas sempre souberam da rebeldia da palavra, de sua “resistência” em colocar-se sob o domínio daquele que a utiliza: ela diz mais ou menos, diz outra coisa; ela não cessa de produzir sentidos através do tempo, sentidos esses nunca acabados, jamais detidos. Se, de um lado, não se pode realizar uma fala “satisfatória”, de outro lado, a palavra “justa” insiste em se dizer e é para encontrá-la que seguimos falando. Essa sensação de *fracasso* diante da palavra, tantas vezes registrada na produção literária, está também presente nas mais corriqueiras expressões da língua corrente. (TEIXEIRA, 2005, p.15).

Esta citação refere-se ao início de análise, para enfatizar que muitas questões abrem-se e poucas coisas se pode dizer, por duas limitações: a primeira, pelo recorte que meu trabalho propõe; a segunda, pelo próprio corte da língua: é impossível falar de todas as questões que se abrem no decorrer do trabalho. Contudo, é possível realizar um recorte bem delimitado e analisado. Antes de iniciar uma “tentativa” de interpretação das entrevistas – e aqui me refiro à interpretação e análise do *corpus* da pesquisa, e não à interpretação psicanalítica realizada em um *setting* psicanalítico, pois isto seria impossível: aqui se trata de

um campo de trabalho eminentemente teórico, e não de uma prática clínica –, vejamos esta citação de Elia (2005, p. 1), que, ao examinar conceitos *da* psicanálise, remete-os a seu campo de origem:

Valemo-nos aqui de uma antinomia de nosso campo, a psicanálise, mas que na verdade é oriunda do campo da Lingüística, do qual Lacan a extraiu para lançar algumas luzes sobre a experiência psicanalítica – que é a dualidade *enunciado* e *enunciação*, que define duas posições bastante distintas do *sujeito* – o *sujeito do enunciado* e o *sujeito da enunciação*, do ato de enunciar, que, para nós, psicanalistas, situa-se no nível inconsciente, e é o lugar do *desejo do sujeito* veiculado na mensagem proferida pelo sujeito do enunciado, que no entanto o desconhece radicalmente. Utilizando esta antinomia, poderíamos dizer que enquanto a escola americana permanece ao nível do enunciado, e o analisa em termos de sua estrutura discursiva e gramatical, e escola européia opera com a dualidade *enunciação/enunciação*, considerando, portanto, o plano de valores, histórica e politicamente construídos, que determina a produção discursiva (que corresponderia na Psicanálise ao plano da enunciação do sujeito do inconsciente, desde que despido justamente de sua roupagem valorativa e significativa para, como estrutura significante regente da enunciação, permitir situar o que poderíamos chamar um tanto abusivamente de “desejo do discurso”).

A psicanálise é uma construção teórica que teve início com Freud (inconsciente) e uma releitura de Lacan (linguagem), que pensa no sujeito como um sujeito do inconsciente e da linguagem. A técnica terapêutica da psicanálise é orientada para a livre associação de idéias, visando a que o sujeito possa compreender seus sintomas e seu funcionamento psíquico, podendo desta forma administrá-los em sua vida psíquica e real.

As questões teóricas propostas pela AD sobre ideologia e inconsciente, as leituras de Pêcheux e Orlandi, em que o sujeito está atravessado pela ideologia e pelo inconsciente que determina os “esquecimentos”, me fizeram refletir sobre a prática nos consultórios de psicanálise e no fazer psicanálise como uma área de estudo humano. Foi a partir dos primeiros contatos com as obras de Orlandi que tive o conhecimento de que a psicanálise também estava presente em outra área de conhecimento, a “lingüística”, e mais precisamente na AD francesa (que procura delimitar-se do fazer específico da Lingüística).

Um dos conceitos principais da AD francesa é o de ideologia. A ideologia instaura um ato fundador inicial, que é a necessidade de um grupo conferir-se uma imagem de si mesmo, portanto, se olharmos a formação de instituições psicanalíticas (aqui refiro-me especificamente a duas: Sociedade Brasileira e Escolas Brasileiras, sendo que as Sociedades são ligadas à IPA – portanto com pensamento freudiano – e as Escolas Brasileiras de Psicanálise filiadas ao pensamento lacaniano) poderemos perceber nitidamente que as instituições realizam uma marca, uma marca em seus membros, que se torna a imagem que têm de si mesmos para lhes conferir uma identidade. Assim, cada vez que falamos de

ideologia podemos pensar em uma identidade marcada pelas instituições de formação psicanalítica.

As teorias da linguagem têm dois expoentes que devem ser lembrados, mesmo na parte final do trabalho que é a análise. Admite-se ser impossível falar de linguagem sem falar de Saussure (pai da ciência lingüística), assim como de Lacan. Saussure faz-nos remeter a uma teoria da linguagem, e quando se fala de Lacan, a uma teoria onde a linguagem se desloca para a metalinguagem. Estamos situados no nível da metalinguagem de uma linguagem – a de Lacan – que é uma metalinguagem de uma outra linguagem, a de Saussure. Aqui podemos refletir: o que não é metalinguagem? As vozes dos outros todos são metalinguagens, e assim pressupõe-se que fazer um trabalho sobre linguagem é realizar uma metalinguagem. Podemos aqui, inclusive, dizer que esta dissertação é uma metalinguagem sobre AD e Psicanálise, só que escrita por uma psicóloga de orientação analítica, e portanto é apenas deste lugar e do lugar de uma aproximação que fiz do aparato teórico da AD francesa, como pesquisadora, que posso fazer as interpretações do *corpus* obtido, que foi muito rico, principalmente no que concerne às entrevistas com os analistas do discurso da AD.

Um dos autores que mais contribui para a compreensão das convergências e das divergências, dos cruzamentos, dos movimentos que aproximam ou que afastam, da linguagem que ecoa reciprocamente neste e naquele campo, empreendendo um diálogo – ainda que com estranheza e cuidado no olhar – entre Lacan e Saussure é Michel Arrivé. Cada um a seu modo, Lacan e Saussure nos mostram o profundo parentesco, e nesta proposta de trabalho é este parentesco que está sendo questionado: como é que uma disciplina (a psicanálise) pode se beneficiar, ou utilizar dos conhecimentos da AD para seu trabalho analítico? Arrivé diz, entre suas reflexões sobre a linguagem: “O enraizamento saussuriano da reflexão lacaniana é autêntico e profunda”. Este recorte teórico se faz necessário aqui para que eu possa iniciar com as falas dos psicanalistas.

A partir de um olhar mais minucioso nas entrevistas, trabalharei as seguintes categorias (estabelecidas seguindo um roteiro utilizado nas entrevistas):

- 1) A concepção de sujeito do discurso da atualidade;
- 2) Posição do psicanalista fora da situação analítica;
- 3) As interlocuções entre a AD e a psicanálise;
- 4) O lugar do psicanalista na situação analítica e o lugar do analista do discurso.

1) A concepção de sujeito do discurso da atualidade

Ad. A: “Atualmente nós estamos trabalhando muito mais nas diferentes formas de inscrição do sujeito numa forma sujeito. E isso tem, digamos assim, trazido resultados muito

interessantes, né. O que mudou um pouco foi o foco dessa, digamos assim, maneira de enxergar o sujeito do discurso. E hoje já pode ser visto como um sujeito heterogêneo, um sujeito que tem as suas diferenças internas. Ainda não é a categoria do indivíduo, né. A categoria do indivíduo ela tá marcada pela consciência, pela intenção. Pelo empírico. E a categoria do sujeito tá marcado pelo esquecimento, eh, pela determinação da história e da ideologia que nem sempre é consciente. Então, por isso não é individual. É uma categoria assim que abarca mais de um indivíduo. Abarca qualquer indivíduo inscrito ali naquela conjuntura histórica e ideológica. Mas, de toda maneira já não é mais aquela forma de sujeito idealizada, do tal discurso”.

Podemos notar na fala deste analista de discurso – o que já foi comentado acima na parte teórica do trabalho – que a concepção de sujeito inicia com o sujeito centrado, passa pelo sujeito descentrado e assujeitado. Noto que nesta fala parece haver um retorno à concepção de sujeito que pode ter alguma inscrição de si mesmo, ou características próprias de si. O fato do retorno ao sujeito que possa ter um “centramento” não significa que este seja o mesmo sujeito cartesiano, ou de Marx, mas sim um outro sujeito constituído por identificações da atualidade, que para Dufour é um sujeito faltante do “Nome do Pai”, terminologia utilizada na psicanálise lacaniana, ou seja, as leis que regem o sujeito do mundo da desconstrução me fazem ter a sensação de serem “diferentes”. Neste sentido, como a questão deste trabalho é o sujeito do discurso, o sujeito que analisa o discurso deste sujeito, então em que posição ele deverá estar? Ou terá que ter uma outra posição, ou sua escuta deve se diferenciar?

Não cabe, neste trabalho, responder à questão da modernidade, mas aproveitando a fala dos analistas de discurso podemos perceber que há um interesse também, então, não só dos psicanalistas, mas dos analistas de discurso, de escutar as questões da (pós)modernidade (refiro-me à concepção de homem “após” a modernidade, ou seja, enquanto a Revolução Comunista afirmava ser o bem o comunismo e o mal o capitalismo, a pós-modernidade vai dizer que tudo é falso, que não existe bem ou mal e que, portanto, tudo não tem razão de ser e pode ser destruído sem fazer falta ao homem).

Ad. B: “Então ele busca, ele busca [aqui o entrevistado refere-se a um autor estudioso da pós-modernidade], ele faz uma discussão num dos livros dele sobre a relação do sujeito com as suas estruturas modernas e pra ele, na verdade, o que se tem é um modernismo, seria um pós-modernismo, seria um modernismo com as suas estruturas funcionando numa potência máxima. E então o que ele localiza como sendo a característica da estrutura, né, a falta de vínculo com o espaço, porque isso tem a ver com o controle do tempo diferente, o controle do tempo que é dado pelo relógio, portanto tudo pode acontecer em qualquer instante, que isso é uma característica da modernidade e não da pós-modernidade, da era da modernidade. E a outra característica é por conta dessa falta de vínculo. O

fluxo ele acontece numa velocidade e quantidade própria. Portanto, nesse lugar as pessoas estariam, eh, podem estar tomadas nesse movimento, né? Nessa falta de vínculo com o espaço e é bem interessante”.

Ad. A: “Mariani Bettania, isso. Que fala função-autora, autoria, né, que fala de trabalhos que... Existe uma... parece existir uma demarcação de uma coisa mais individualizada no sentido não do indivíduo, mas de... Da descontinuidade. Da fragmentação e tal. É. Então eu acho que a análise do discurso quando ela entrou nessa 3ª fase, ela ficou uma teoria, ela ficou uma teoria, digamos assim, muito produtiva para se analisar pós-modernidade porque ela tem esse... Primeiro, essa característica de não ser disciplina, né, portanto, descontínua, não linear, né”.

Vemos que as falas acima corresponderiam a uma pergunta para situar as condições de produção mais amplas de qualquer discurso, ou seja, para entender se estes analistas concebem a subjetividade nesse horizonte (sócio-histórico). E os psicanalistas? Em que medida eles estão pensando nesse contexto? Me ocorre que já há algum tempo existem debates teóricos / práticos (através de filmes) sobre temáticas específicas que algumas vezes remetem ao momento atual por que passamos, mas me pergunto, sem ter muitas respostas, em que espectro estes debates podem ser utilizados na clínica? Sabemos que quanto mais podemos lidar com a psicanálise fora do seu contexto clínico, mais podemos fazer uma leitura de mundo com mais dados de realidade, porém em que momento este conhecimento adquirido poderá ser utilizado em seu analisante? Aqui abro uma sugestão: de que os psicanalistas se voltem em suas clínicas para uma escuta que deve ser, sim, prioritária do inconsciente, pois não estou escrevendo este trabalho com pretensão de modificar algo estrutural, mas sim de poder sugerir que esta escuta possa ser em maior amplitude, com relevância sócio-histórica. Não estou a dizer que não é prioritário fazer emergir o inconsciente, e tenho certeza de que o psicanalista que não consegue escutar o inconsciente do seu paciente está fadado ao fracasso em sua escuta clínica.

2) Posição do psicanalista fora da situação analítica:

A fala dos psicanalistas entrevistados, no que se refere à pergunta sobre a posição do psicanalista fora do setting analítico, traz uma idéia muito próxima a respeito de como é ocupar o lugar de analista e da psicanálise fora do contexto da situação analítica:

Psic. A:

Psic.: “Não. Eu acho que não, porque não se cria a condição, entendeu, o *setting* adequado, vamos dizer assim, eu acho que isso é uma certa violência até, vamos dizer assim, né”.

E.: Então o lugar ocupado pelo psicanalista na situação analítica, ele só pode ser ocupado de fato na situação analítica?

Psic.: Só na situação analítica.

E.: Não há nenhuma outra oportunidade?

Psic.: É, eu não acho. Eu acho isso uma violência até, pra falar a verdade”.

Psic. B:

Psic.: Fora da situação analítica?

E.: Fora da situação analítica.

Psic.: Só que o referencial, né, o referencial é analítico.

E.: No *setting* você tem um vínculo assim mais próximo da psicanálise? Como é que é?

Psic.: Como assim?

E.: Na...

Psic.: Ah! A minha frequência? Claro! Pela distância, né? Eu tenho tido, nós temos tido, eh... eu recebo trabalhos de RV (aqui o entrevistado usa uma sigla que designa virtualmente uma informação), né. Tenho a possibilidade de acompanhar os trabalhos científicos nas quartas e quintas-feiras através de... videoconferência, transmissões on-line. Inicialmente eram feitos ao vivo e depois passaram a ser editadas porque às vezes têm pessoas que não são da sociedade, então tem material clínico e às vezes passa no dia seguinte já é ditadas, né. E agora o contato vivo mesmo é mais... menos frequente”.

O primeiro entrevistado, **Psic. A**, compreende a pergunta e apresenta uma postura firme, convicto de que não há nenhuma possibilidade de se fazer psicanálise fora da situação analítica; o **Psic. B** não compreende a minha pergunta, e tento explicar, mas não é possível, pois ele me responde outra coisa que nada tem a ver com a pergunta; compreendo que esta “confusão” na resposta do **Psic. B** não ocorre por acaso: a hipótese da idéia do “psicanalista” fora do contexto da situação analítica é tão avessa ao seu trabalho e causa tamanho estranhamento que não é possível escutá-la também. Assim, neste trecho podemos perceber com nitidez que o lugar em que o psicanalista se “autoriza” como psicanalista é o da situação analítica. Vamos ver o que dizer sobre isso (como o psicanalista responderia?): um psicanalista que é chamado para fazer uma conferência sobre psicanálise e é apresentado como tal (digamos: o psicanalista Joel Birman) faria uma retificação dizendo que naquela situação não seria um psicanalista? Que lugar seria esse? Claro, a situação é análoga à que diria respeito a um analista de discurso. Nunca ouvi tal recusa (que nessa situação eles deixassem de ser psicanalistas). Seria um caso de amplificação quando estão na situação clínica? De imprecisão aceitável também por esquecimento? Ou o lugar do psicanalista dentro e fora da clínica é outro? Então os psicanalistas seriam ou não designados ali, naquele

instante? Faço estas questões que de alguma forma penso que não estão esclarecidas, porque na resposta do psicanalista ele fica um tanto confuso quanto a que papel ele exercia quando ministrava uma aula como psicanalista didata.

Os mecanismos de esquecimento que transpassam o sujeito fazem com que o sujeito já tenha um lugar de fala estabelecido, e assim podemos aqui verificar uma aproximação entre os dois campos: estes mecanismos são inconscientes e, portanto, o sujeito não tem como “fugir” deles, eles são necessários até mesmo para a sobrevivência psíquica. A não consciência dos mecanismos ideológicos (os “esquecimentos” de que fala Pêcheux) é necessária para a preservação de todos os mecanismos de controle, assim como é de grande importância para manter reprimidos conteúdos que não “podem”, para os sujeitos, em determinado momento, provocar um “surto grupal” ou, quem sabe, um surto coletivo de dimensão destrutiva e desconstrução da história da nossa espécie, ameaçando assim a nossa permanência no contexto histórico e cultural. Esta hipótese é apenas uma idéia utópica, pois temos plena (in)consciência de que somos sujeitos assujeitados, portanto “afundados” nos processos discursivos de controle.

Então verificamos, com evidências analíticas (da AD e da Psicanálise), que as funções de esquecimento são necessárias para o bem-estar da humanidade, ouso até dizer que para a continuidade da espécie humana.

A visão de Arrivé é que o encontro das duas disciplinas (psicanálise e lingüística – notando-se que a AD, antes de ser uma teoria do discurso, se manifestava, por inicial divergência, estranhamento, no campo da lingüística) não é tranquilo como poderia parecer, numa abordagem mais superficial: há diferenças e semelhanças bem definidas. Parece-me que o fato de serem bem definidas, conforme o autor se exprime, é de grande importância para delimitarmos os espaços teóricos e não confundir os dois campos de estudo.

Considerando minha própria experiência em clínica e a literatura conhecida sobre os dois campos teóricos, há aproximações entre os dois espaços teóricos, o que abre a possibilidade de um contribuir para o outro, não esquecendo, porém, que é pela afinidade e ao mesmo tempo pelo reconhecimento da distância que se pode “articular” uma pesquisa que possa contribuir pelo menos abrindo um diálogo que propicie um debate saudável e de construção, sem negar que as disciplinas têm um caráter sócio-histórico e são ambas dissidentes, nascidas de terrenos diferentes e complexos.

Pode-se admitir que o distanciamento “maior” entre o trabalho da AD e da Psicanálise ocorre porque a psicanálise tem sua escuta dirigida para o funcionamento do inconsciente do paciente dentro da situação analítica, ou seja, no lugar transferencial: é aí que ele se faz (psic)analista; desta forma, o psicanalista também fica “protegido” em seu espaço

da clínica, pois a questão desta pesquisa é um “apelo” à psicanálise para que ela possa dialogar com outras construções teóricas que falem de linguagem, e aqui, especificamente, da AD francesa, mas que este diálogo não ocorra com uma das partes surda, a da psicanálise, mas sim que possa se desestabilizar do seu lugar clínico e entrar num mundo de maior abrangência teórica. Para isso, uma das alternativas é poder “passear” entre as outras disciplinas afins que tratem de discurso. Será que não é relativamente fácil ficar em um espaço tão delimitado, quase em um cômodo fechado (clínica) realizando o seu fazer? É apenas uma questão, e não um embate!

O analista do discurso pensa, por sua vez, em como o discurso se articula ideologicamente (e aí, certamente, faz intervir a noção de *real* e de equívoco) e como produz sentidos; ele é analista diante de qualquer discurso que seja pertinente analisar (político, publicitário, jornalístico, religioso, etc.), portanto, em um espaço com bem menos especificidade e delimitação, o analista do discurso apresenta maior plasticidade em sua área de trabalho; sua área de trabalho me parece mais ampla. Ao mesmo tempo, o que pude perceber nas entrevistas realizadas é que o espaço do analista do discurso, para seu fazer, é instável; como consequência, o analista do discurso parece apresentar certa insegurança em seu campo de trabalho. Não tenho dados definitivos, mas sim apenas uma prévia conclusão de que o analista do discurso é mais inseguro em seu campo de trabalho do que o psicanalista, pois pelo corpus colhido, observa-se o psicanalista com respostas mais exatas e delimitadas, já o analista do discurso da AD aparentemente está se construindo pelo seu método de análise, que me parece uma construção contínua. Notem-se os relatos abaixo:

Psic. A: “A análise do discurso que ta posto fica pra mim, do meu ponto de vista, uma coisa muito teórica. Porque eu considero a importância do *setting*, se não tiver um *setting*, um enquadre, eh, difícil falar. Difícil você ter a referência pra fazer as suas interpretações. Se você pega um cara que tem um facão todo afiadinho né, que ta brandindo esse facão, mas numa carne dentro de um açougue. E você vai lá e você fica tranquilo, mas se você vai passar numa rua escura e o cara tá fazendo assim, com a mesma faca tem outro significado”.

Este exemplo que o entrevistado nos fornece aponta o pressuposto de que sempre há um outro sentido, dependendo do contexto. E aqui podemos fazer uma aproximação com a AD: o momento histórico e o contexto em que o discurso se insere sempre pode produzir outros sentidos, outros efeitos. E como não há contextos idênticos, o que parece ainda o mesmo já sofreu deslizamento.

3) As interlocuções entre a AD francesa e a Psicanálise:

Ad. A “Eu acho que a análise do discurso, em 1º lugar, é uma *des-disciplina*, é uma não disciplina, no sentido que ela é transversal, digamos, pra disciplina. Então ela tem uma teoria e um método próprios e, portanto, tem um lugar epistemológico assim muito preciso. O forte, pra mim, é o método mesmo da análise do discurso, né. Por quê? A materialidade é lingüística, né. A matéria com a qual a gente trata. Mas, nesse sentido é parecido com a psicanálise porque é uma materialidade quase que sintoma de coisas que estão determinando essa materialidade. Então, você fazer uma formulação vindo de um jeito e não de outro, significa e significa porque você tá determinado de alguma forma naquela posição que ocupa ao viver aquilo daquela maneira. Você tá determinado por aspectos ideológicos, por aspectos históricos e que são, até certo ponto, conscientes e até certo ponto não conscientes. Então, até aí nós estamos muito próximo de um olhar psicanalítico, né. Que também vê na fala um sintoma de coisas apagadas pelo inconsciente, ou num nível inconsciente, inacessível ao próprio sujeito e etc. E o psicanalista vai buscar então essas coisas que estão silenciadas, digamos, né”.

Quero ressaltar duas observações que considero importantes na fala do analista do discurso. Ele inicia dizendo que a AD é uma *des-disciplina*, e ao mesmo tempo diz ter métodos próprios; como compreender uma fala que considera que a AD que não é uma disciplina mas que tem método? Esta fala, se olharmos com lupa, é uma fala instável, que no mínimo nos deixa com dúvidas quanto ao espaço da própria teoria.

A aproximação e a ligação que a analista do discurso realiza é de que ambas têm a materialidade lingüística para analisar e assim as disciplinas podem escutar um sintoma, através dos mecanismos de esquecimento, mas não esqueceremos que para a AD o esquecimento ideológico é o “fatal” e que para a psicanálise a escuta e o principal esquecimento é do inconsciente.

Vejamos uma citação que refere-se ao início da entrevista deste analista do discurso, que posiciona a AD como uma disciplina transversal. Observemos a citação da Teixeira (2005, p. 65):

É por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica que Pêcheux articula as três regiões em que seu projeto se institui: o materialismo histórico, a lingüística e a teoria do discurso. Gostaria de assinalar que a psicanálise não se apresenta aí como uma região a mais, ao lado das outras três que constituem o quadro epistemológico da AD; ela o *atravessa*. Ora, nomear essa relação pelo termo *atravessamento* significa reconhecer que a teoria psicanalítica da subjetividade afeta os três campos indicados no quadro definido pelo autor, juntamente com Fuchs.

Assim, podemos perceber que os analistas de discurso concordam que a psicanálise é uma disciplina que atravessa a AD no sentido de fazer funcionar certo aparato de análise. Entretanto, no final do recorte há uma delimitação inesperada: “mas não esqueceremos que para a AD o esquecimento ideológico é o “fatal” e que para a psicanálise a escuta e o principal esquecimento é o inconsciente.” Ou seja, apesar de Pêcheux ter proposto que o aparato da AD seria atravessado pelo conceito psicanalítico de sujeito (tal como explicitado na citação de Teixeira), os analistas em geral estão centrados na ideologia – o que já é bastante complicado –, e a análise se faz, preferencialmente, do sentido do ponto de vista ideológico, embora termos e noções do campo psicanalítico surjam aqui e ali na análise.

Na fala do analista do discurso segue a linha da interlocução entre a AD e a psicanálise:

Ad. A: “Agora, o que talvez marque um distanciamento dessas duas teorias e método é que pra análise do discurso não se trata de uma questão individual, se trata de uma questão conjuntural, ou seja, a unidade mínima do discurso é a formação discursiva. E essa formação discursiva decorre de uma formação ideológica que é constituída na história. Então, isso significa que a posição, enfim, a atividade individual, ela só é sintoma de uma posição de sujeito possível e que poderia ser qualquer indivíduo ocupar essa posição. Deu. Então, por exemplo, vamos assim baratear um pouco”.

Retornando ao objetivo deste trabalho, que é tentar pensar sobre que noções teóricas da AD francesa poderiam auxiliar o psicanalista na situação analítica, considero que é possível e de muito “bom tom” que os psicanalistas estejam mais atentos a sua prática psicanalítica, ou seja, que os ouvidos (a escuta psicanalítica) se tornem mais complacentes, que a área de abrangência possa se estender, pensando a subjetividade também numa outra vertente, aquela em que se aproximaria da AD. O que se pode preconizar aos psicanalistas seria a associação da técnica específica da psicanálise, atenta à emergência (pontuação) do inconsciente no *setting* estabelecido na clínica, à outra face do condicionamento, o psicossocial. Refiro-me aqui ao *sujeito-efeito* que é resultado da imersão do sujeito numa “conjuntura” (política, social, econômica), como se expressa **Ad. A**, em que ele, historicamente imerso, se manifesta através de posições assumidas em espaços de discurso variados, segundo os papéis também variados que precisa desempenhar. Um dos procedimentos, neste caso, seria a *inscrição* precisa do dizer, que permitiria um olhar mais demorado do psicanalista às nuances do dizer, às possibilidades de recorte. Nesse caso, como expressa **Ad. A**, a atividade individual seria sintomática de uma posição possível numa certa conjuntura, que poderia funcionar para o psicanalista, em sua função de didata (transmissor)

ou de pesquisador (estudioso, teórico), como um termômetro psicossocial, ajudando a entender as linhas de força das motivações e das mudanças.

4) O lugar do psicanalista na situação analítica e o lugar do analista do discurso:

Observa-se que as falas do psicanalista e do analista do discurso se entrecruzam nestas duas transcrições, porém com aparatos nitidamente diferenciados.

Psic. A.: "... pra ti saber quantos glóbulos vermelhos a pessoa tem não precisa tirar todo o sangue da pessoa e contar todos os glóbulos (rsrsrsrsrs), tu tira 1 milímetro cúbico e vê quantos têm ali e multiplica por 5 litros e tu sabe quantos glóbulos a pessoa tem em todo o sangue, né. Quer dizer, não precisa tirar todo sangue, né. Então uma sessão dá uma idéia do tratamento. Um fragmento de uma sessão também dá idéia duma sessão, não é mesmo? A gente não precisa, pra entender um paciente, ver todo o material de um paciente, então pode pegar uma parte e examinar aquela parte ali também. Então tu tem razão, acho que cada sessão acontece tudo, né. O que acontece ao longo do tratamento também. De certa forma, embora vá se modificando isso um pouco, né".

Ad. A.: "Então como é que uma metodologia de trabalho permite entrar numa questão, depois voltar sobre ela mesma e até re-organizar a própria metodologia? Isso é que seria assim o grande movimento possível dentro da análise do discurso, né. Então, e na produção dos sentidos e do sujeito, diferentemente da psicanálise, de alguma maneira vislumbrando uma cura, né, algum tipo de reorganização dos sentidos pro sujeito, eh, a análise do discurso, o modo como ela se dá hoje, ela pode produzir sim interpretações, né, mas nenhuma garantia de que essa interpretação modifique algumas relações, isso não. Ainda até o modo como ela é feita hoje. Pode ser que essa passagem seja num próximo momento, quer dizer, de que maneira uma interpretação pode ou não estar vinculada a um trabalho X ou Y, não?"

O momento de "contato" entre as duas falas apresenta-se em uma parte da metodologia que é utilizada pelo psicanalista e pelo analista, quando se diz que não precisa tirar todo o sangue do paciente para seu tipo sanguíneo; é uma analogia: não precisamos ver a todas as sessões do paciente, ou ter toda a história para compreender o funcionamento do discurso do paciente. Quando o analista do discurso fala que o trabalho do analista permite re-organizar a metodologia, o analista também está dizendo que não há necessidade de discurso inteiro, ou melhor, de um texto integral sobre algo. Ele pode re-organizar seus dados a cada interpretação e estas interpretações não são fixas.

O trabalho do analista de discurso é mostrar os processos de significação, a necessidade da passagem da noção de "função" (no sentido mais voltado para a estrutura)

para a de “funcionamento”, e da construção de um dispositivo de análise do qual um mecanismo é a noção de efeito metafórico, que, para Orlandi (2001), é um ponto crucial do dispositivo analítico. Pode verificar que, nesse aspecto, há aproximações e distanciamentos, e principalmente os recuos estão bem sublinhados: um está na clínica (a psicanálise), e o outro está voltado para qualquer discurso (AD). Mas há proximidade também, que se reflete na tentativa de compreender o funcionamento do discurso, ou seja, de que sentidos este sujeito fala – questão válida para os analistas de cada campo separadamente e para os dois campos em suas possíveis relações.

Ad. A: “Exatamente porque assim olha, o método de análise do discurso prevê que você não faça um trabalho linear sobre o discurso. Você vai olhar pro seu discurso através de um recorte. E esse recorte é teórico e isso significa que você não vai pegar, por exemplo, toda a produção do último século, toda produção das 3 últimas décadas do discurso, eh, jurídico, por exemplo, você vai olhar assim, eh, de que maneira o sujeito do discurso jurídico se inscreve na relação como pedagógico? Por exemplo? Então, aí você constrói, eh uma lente teórica pra olhar o material. E você vai pinçar de forma descontínua no discurso aquilo que constitui argumentos ou pistas pra você compreender essa conjuntura que não tá explícita na materialidade lingüística, mas que tá ali como um pré-construído, um inter-discurso, de ancoragem daquele sentido, tá? E você atinge assim o teu discurso, esse pré-construído, através dessas pistas, que você vai pinçando no discurso. É o que permite você identificar uma pista é esse recorte que você já fez antes, entendeu? Então a tua hipótese, digamos, ela deve constituir um recorte pra você decidir sobre o funcionamento discursivo. E aí você vai ter ou não a comprovação dessa hipótese, na medida em que você vai recolhendo estas pistas e vai observando qual é o sentido que permite que aquilo seja dito. E porque dizer daquela maneira e não de outra, né. Então, a gente tava falando da particularidade, né, nesses casos aí. Que hoje em dia a gente tá chegando a uma particularidade. Bom, eu acho que o conceito, o conceito mais recente da análise do discurso e que deu mais margem a essa virada foi o conceito de acontecimento. Essa noção de acontecimento o Pêcheux formula a partir de outros autores. Mas ele formula de um jeito muito especial. Por que ele diz assim, que o acontecimento ele é um nó onde vários discursos em confronto asseguram um dizer que de certa forma é inédito. Mas ele é inédito naquela relação”.

Neste valioso trecho que é a fala de um analista do discurso podemos compreender diferentes facetas da AD francesa; uma delas é de que o trabalho do analista do discurso pode ser comparado à analogia que o **Psic.A** faz quando se refere ao entendimento da estrutura do paciente, dizendo que não é necessário retirar todo o sangue do paciente para saber seu tipo sanguíneo. Aproveito esta aproximação da AD e da psicanálise, que se utilizam em muitos momentos de metáforas, tanto para seu trabalho de compreender o discurso que está posto, quanto para descrever como se trabalha com as disciplinas, ou seja, nos fazem entender seus postulados técnicos/teóricos. Ambas estão dizendo que não há necessidade de

uma longa história, seja do paciente ou de um acontecimento, basta reunir algumas pistas, ou melhor, retirar uma amostra sangüínea, determinar um evento, para compreender como este discurso e/ou paciente funciona em sua materialidade lingüística e/ou estrutural.

Na entrevista o analista do discurso continua explicando o que é um acontecimento, que não tem tempo, nem espaço lógicos (muito parecido com o inconsciente, que não segue a estrutura cronológica padrão):

Ad. A: “Naquela inter-discursividade, naquele tempo e naquele espaço onde ele se dá. Então, quando você estabelece um acontecimento pra ser observado, aí esse acontecimento ele constitui o recorte ideal pra você ver o discurso. Então, por exemplo, se você vai analisar o discurso jurídico você vai pegar um acontecimento exemplar e toda essa conjuntura vai tá ali presente, materializada nesse acontecimento. Ao escrever o acontecimento você descreve, eh, o novo sentido. Que não é um novo sentido de um indivíduo, mas é um novo sentido discursivo. Exemplo: Quando o PT assumiu a presidência da república. Naquele momento significava alguma coisa que o país ainda não tinha vivido. Ou seja, uma oposição ou um partido representado por um trabalhador, eh, peão, né, e que chegou a presidência né, e que... de forma totalmente inédita, nós não tínhamos isso na nossa tradição política e tal. Tá, então tudo isso tá acontecendo e de repente você vê uma imagem na televisão naquele dia da posse que é: um povo que veio lá em Brasília, de repente pulando dentro do espelho d’água. Então aquela cena daquelas pessoas, entrando no espelho d’água do planalto significa um acontecimento discursivo, que materializa um confronto que é indizível, né. Que você teria que desdobrar em frases, frases, em proposições, proposições, mas que está completamente condensado naquela cena. Ou seja, aquele espelho d’água é um espelho d’água, não é pra ninguém entrar e é pra ser visto e é pra ser admirado de fora. E tem toda a questão do poder, da hierarquia e tudo espelha, né, naquele espelho. E de repente as pessoas mergulham no espelho d’água e gritam: Agora é nosso! Nós estamos aqui! Ou... e qualquer coisa assim, né. Que qualquer corpo dentro do espelho d’água já tava significando, quer dizer, somos nós aqui, quer dizer, já estava falando. Então, esse tipo de... então aí o que você tem? Você tem informações discursivas diversas né. Você tem o discurso político, você tem o discurso econômico, financeiro né, você tem o discurso... eh, você tem o discurso ali do sindicato, enfim, você tem um monte de coisa ali”.

Este trecho é um dos que mais me emocionam; me emociona porque exatamente diz tudo o que talvez Freud tenha desejado dizer mas não conseguiu, ou seja, os significantes articulando-se e fazendo significar; o sujeito pensa ser ali, exatamente aonde não se pode pensar, dando sentido ao discurso em um brevíssimo momento, a junção de significantes fazendo o sujeito obter um sentido onde o próprio sujeito não conseguiria significar “sozinho”.

Esta fala incorpora vários pressupostos da AD, tais como: acontecimento, formação discursiva, heterogeneidade discursiva (que não foi abordada neste trabalho, mas que não deixo de registrar para não deixar à sombra aspectos que possam ser significativos). Este trecho da fala de **Ad. A** me dá a sensação de leveza no modo como a AD “observa” os discursos, porque primeiro ela olha, observa e então se aproxima com mais sutileza do que os psicanalistas, pois afinal o psicanalista está naquele momento numa situação que geralmente é caótica, com fragmentos de um discurso doloroso, para que possa junto com o analisante propiciar algum “apacamento” na angústia. Julgo que é mais poético fazer análise do discurso pela AD do que pela psicanálise. Penso que as teorias se fazem por alguma brecha que se diferencia de uma outra, e o fazer de um psicanalista, mesmo sendo formado pela escola de muitos outros pares, é um fazer demarcado pelo seu modo particular, assim como ocorre com cada sujeito imerso em seu campo teórico. É possível perceber isto nas quatro entrevistas realizadas: uma marca particular, uma escuta que, mesmo determinada e orientada por todo um aparato teórico que conduz a certas ações e não outras, seu fazer se transforma e traz uma marca. É comum as pessoas compararem seu fazer ou seu pensamento com os de outrem; vejamos este trecho:

O que motiva, porém, a feitura do preâmbulo é menos as circunstâncias em que o texto fora produzido e apresentado e mais um esclarecimento sobre o seu autor. Encontro-me em situação semelhante à de Émile Benveniste – comparação esta que facilmente poderia passar por despropositada dada a aparente exigüidade da modéstia que a acompanha – quando do pronunciamento de seu *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966. Dirigia-se Benveniste a filósofos, em um congresso de filosofia, afirmando ser ele ignorante em filosofia. Evidentemente, saber-se ser tal consideração, no caso de Benveniste, apenas figura retórica, sem correspondência à verdade dos fatos. (FLORES, 2005, p. 1)

De alguma forma, temos que nos identificar ou, comparativamente, nos remeter ao Outro, tanto para nos aproximarmos quanto para nos distanciarmos, e é desta forma que vamos imprimindo uma marca que será única, e daí individual.

Vejamos, na fala dos psicanalistas, o que nos dá indicação quanto ao lugar ocupado pelos psicanalistas na situação de relação paciente/terapeuta, transcrito *textualmente*:

Psic. A: “É. Correções na... vamos dizer... que é mais ou menos... isso seria uma visão assim do Stracher (?) assim, que fala do superego auxiliar, né. O Stracher... do artigo Stracher sobre... deixa eu ver como é que se diz... sobre a ação terapêutica da psicanálise, né. Então ele fala nisso. Quer dizer, é a posição real do analista, vamos dizer, é que faz a correção, né. O analista não corresponde àquele... àquele superego tirânico ou aquele superego benevolente, idealizado, né. Então a posição que ele ocupa é a posição... uma posição, eh, “real”, vamos dizer assim, né. Interessante isso, né?”

Psic. B: “É um lugar de participantes, né? Que é uma dupla que ocupam esse espaço. O psicanalista ocupa um espaço, vou dizer assim, de... o problema é que essa pergunta pode ser respondida de maneira que...eu mesmo poderia respondê-la de forma mais variadas possíveis, né? Então eu vou escolher uma que ocupa agora um espaço de oferecer um espaço pra que o paciente possa colocar os seus conflitos, as suas projeções, as suas identificações, eh, e com isso, nessa interação, eh, ter percepções, pensar coisas que até então não seriam pensadas”.

Realizando uma aproximação das falas dos entrevistados, podemos notar que ambos concordam que na situação analítica cria-se o espaço de uma dupla, onde o psicanalista favorece a transferência; é apenas através da transferência que ocorre a situação analítica, permitindo, assim, que o paciente possa reviver e ressignificar seus conflitos internos. Esta é a maneira como os psicanalistas ouvem um discurso, com a clara intenção de analisá-lo e viabilizar ao paciente ressignificações internas.

A fala do analista do discurso apresenta-se de uma forma diferenciada. Observemos na passagem de uma entrevista realizada a fala que procura explicitar a compreensão do papel do analista do discurso:

Ad. B: “ Tá, mas então sobre o analista. Bom, eu acho que o analista, não há o analista do discurso. Há questões que também são históricas e que também vão se modificando ao longo de um trabalho de reflexão, e são elas que vão posicionando, digamos assim, a pessoa que tem interesse por essas questões discursivas. E lidar com uma teoria do discurso do meu ponto de vista, lidar com conceitos que advêm de uma ou outra teoria do discurso porque ela também não é homogênea, não garante que você tenha um trabalho de análise discursiva, ta? Eh, isso é assim, quer dizer, um trabalho de análise discursiva só acontece se a pessoa tiver numa posição, ou numa relação com o sentido que é de ter acertado por esse sentido e, portanto, ela tem que estar aberta a repensar a sua própria questão”.

Mobiliza, aqui, alguns pressupostos do trabalho do analista na AD, tais como se encontram no aparato teórico. Orlandi (2002), por exemplo, enfatiza que, a par do dispositivo teórico elaborado para o trabalho de interpretação, uma parte dele é responsabilidade do analista, e outra diz respeito ao que se estabeleceu como método, no contexto da teoria. Ao analista, então, cabe formular uma questão que desencadeia a análise:

Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais. (ORLANDI, 2002, p. 27)

É nesse sentido que o *dispositivo analítico* é construído pelo próprio analista, a partir de *sua* questão de pesquisa.

Dada a resposta de **Ad. B**, parece que o analista de discurso, pela face que mostra, está menos seguro quanto a sua posição de cientista da linguagem; esse recuo talvez se dê pelo receio de infringir princípios que defende teoricamente. Ele problematiza tudo, não pode ver nada fixado (o fixo, o “identificado” é ilusório, pertence à dimensão do imaginário), daí que não deixe incólume seu próprio lugar e o que pode fazer a partir desse lugar. Ele concebe sua posição de analista como algo móvel, dinâmico e não estabelecido; ela depende das questões levantadas relativamente a uma materialidade discursiva.

Esta fala busca “evidenciar” que não há “analista por si próprio”, ou lugar do analista já (pré)fixado, mas que há questões que podem ser submetidas à análise. Olhando para a psicanálise, podemos afirmar que se um paciente se coloca diante de um psicanalista, é porque existem questões que dificultam sua vida; “se não há uma pedra no sapato que incomoda não há motivos para querer tirá-la!” Portanto, em toda situação analítica encontramos uma dupla empreitando uma análise que fará com que este sujeito (analisando) obtenha melhora dos seus sintomas e, conseqüentemente, retome as questões doentes para tratá-las.

O paciente “quer” (lembrando as resistências) resolver os impasses construídos em sua subjetividade e que devem emergir no momento de análise; assim acontece a situação analítica, este é o quadro que se instaura, ou seja, objetiva-se olhar e tratar os núcleos da personalidade que estão ‘doentes’.

A AD francesa trata de questões subjetivas que são formadas na construção da humanidade e “realiza” análise da materialidade discursiva não de um sujeito concreto específico, mas das possibilidades subjetivas considerando espaços, posições de menos ou mais poder, papéis que um sujeito de discurso desempenha imerso na ideologia, na história e no inconsciente; não há, contudo, o objetivo de mostrar ou de investigar partes doentes, se é que há núcleos doentes, pois no momento em que compreendo que o sujeito é uma construção ideológica e subjetiva historicamente modelada, como ele irá se “livrar”, por exemplo, da neurose da nossa atual globalização, do mundo rápido e frenético que o consumismo exige?

Aqui abrem-se questões que não estavam presentes no objetivo deste trabalho, mas como afirmei que não deixaria na sombra questões que pudessem surgir no decorrer desta reflexão, quero retomar e relembrar aqui Dufour, que nos fala de um “novo sujeito” da sociedade ultraliberal, que está presente na atualidade, e que no sentido filosófico não remete nem ao sujeito kantiano (crítico) nem ao sujeito freudiano (neurótico): trata-se da instalação de um sujeito em que o Nome do Pai (Lacan) – simbólico – está fragilizado e em baixa – portanto, do nascimento ou instalação de um sujeito perverso. Quero deixar destacado que

este assunto é novo e que vem sendo discutido nas formações psicanalíticas. Podemos aqui refletir sobre: “Será que este sujeito já estava presente, mas o psicanalista até então não escutava este discurso?”, ou será que: “Este novo sujeito “perverso” aparece com uma outra estrutura, ou seja, com roupagem diferenciada da concepção de sujeito perverso, e que a partir desta demanda os psicanalistas começam a estudar e inclusive a tratar de forma diferenciada?” Ou ambas as idéias! E os analistas do discurso da AD, como lêem ou se vêem este “detrimento”, ou seja este “recoo” do simbólico? E a partir da escuta e de uma análise dos discursos que circulam, como é que se evidencia a posição do analista da AD também? Se há um movimento “antineurótico”, haveria também aí um momento histórico de grande relevância para a escuta da AD francesa?

O que é preciso enunciar sem demora: o triunfo do neoliberalismo traz consigo uma alteração do simbólico. Se, como diz Marcel Gauchet, “a esfera de aplicação do modelo [de mercado] está destinada a se expandir bem além do domínio da troca mercadológica”, então há um preço a pagar por essa expansão: o enfraquecimento e até a alteração da função simbólica.

Testemunho dessa alteração: a decadência atual da grande antropologia e a profusão das etnologias e outras etnografias locais e relativistas). Eis-nos aqui, pois, coagidos a retomar, de novo, a análise do simbólico no tempo da pós-modernidade”. (DUFOUR, 2005, p.14)

É provável que as respostas a estas questões, e a este trecho de citação, sobre as quais venho refletindo ao longo de jornadas de trabalho, sejam muito mais pertinentes para a psicanálise do que para a AD, ou seja, o sujeito do discurso no sentido de que alguém toma a palavra é sujeito (assujeitado), entre outras coisas, a determinações ou condicionamentos da ordem do discurso e, portanto (enquanto psicoterapeuta de orientação psicanalítica), só consigo vê-lo por um único ângulo: o sujeito está “encurralado” no atual mundo que se diz da pós-modernidade e da desconstrução (esta idéia não é válida para todos, mas para alguns autores, tais como Derrida e Foucault, é fundamental).

Nota-se que, para os entrevistados, há contextos nos quais o analista do discurso está mais interessado do que o psicanalista. Vejamos esta fala do analista do discurso:

Ad. A: “E então ele busca, ele busca, ele faz uma discussão num dos livros dele [o entrevistado aqui refere-se a um autor da AD francesa] da... sobre a relação do sujeito com as suas estruturas modernas e pra ele, na verdade, o que se tem é um modernismo, seria um pós-modernismo, seria um modernismo com as suas estruturas funcionando numa potência máxima. E então o que ele localiza como sendo a característica da estrutura, né, a falta de vínculo com o espaço, porque isso tem a ver com o controle do tempo diferente, o controle do tempo que é dado pelo relógio, portanto tudo

pode acontecer em qualquer instante, que isso é uma característica da modernidade e não da pós-modernidade, da era da modernidade. E a outra característica é por conta dessa falta de vínculo. O fluxo ele acontece numa velocidade e quantidade própria. Portanto, nesse lugar as pessoas estariam, eh, podem estar tomadas nesse movimento, né? Nessa falta de vínculo com o espaço e é bem interessante porque te ouvindo eu fiquei pensando: é isso mesmo! Isso não é um fluxo de sentidos fora de um lugar de assentar os sentidos, né, forma de uma âncora, ou com outras âncoras, que a gente não sabe qual é direito. Lidar com uma teoria do discurso do meu ponto de vista, lidar com conceitos que advêm de uma ou outra teoria do discurso, porque ela também não é homogênea, não garante que você tenha um trabalho de análise discursiva, tá? Eh, isso é assim, quer dizer, um trabalho de análise discursiva só acontece se a pessoa tiver numa posição, ou numa relação com o sentido que é de ter acertado por esse sentido e, portanto, ela tem que estar aberta a repensar a sua própria questão”.

Neste trecho da entrevista pode-se pensar que os analistas do discurso estão se ocupando de estudar qual é seu lugar; na fala deste entrevistado ele ocupa um lugar de heterogeneidade discursiva.

Este trabalho é em si heterogêneo em vários sentidos: parece-me que os psicanalistas não se dão conta de que estão também em um lugar de todas as falas. Se a cada paciente ele é colocado no lugar de representante interno do paciente, então há uma imensa heterogeneidade na sua própria prática; pensar o psicanalista como um sujeito do suposto saber é incluir a última parte da entrevista desta analista do discurso no discurso do psicanalista, que refere que a posição do psicanalista é de abertura para repensar a sua própria questão. Eu acrescentaria aqui que sua própria subjetividade encontra-se em um lugar limoso, e que quanto mais plasticidade em seu fazer psicanálise o psicanalista adota, mais favorável se torna para seu paciente. Sabemos que a ênfase na prática psicanalítica é de que o paciente possa transitar nos diferentes objetos internos com que se encontra identificado, e assim, a partir de sua vivência com seu psicanalista, realizar modificações em suas próprias identificações.

Realizando a análise e refletindo sobre as aproximações e distanciamentos entre as duas disciplinas, posso concluir, provisoriamente, que há maior proximidade entre elas do que distanciamentos: são disciplinas que trabalham no limite do sujeito “enlouquecido” com as questões da modernidade, com a rapidez e velocidade de informações recebidas, com a quebra de “paradigmas”, de conceitos e de valores. Passamos por uma avalanche da qual não se sabe quem sairá ileso ou até mesmo vivo, eu diria mesmo se com a sanidade preservada.

Outra aproximação que pode ser observada é que as disciplinas tendem a trabalhar sem rapidez – ao contrário, com paciência e profundidade suficiente para analisar as questões e chegar a possíveis causas. Assim, ambas as disciplinas trabalham em ritmo diferente do fluir

de nosso mundo globalizado, que tem a tendência de passar por cima de algumas questões que são de extrema relevância para a construção da subjetividade íntegra e saudável da espécie humana. Quando falamos de um tratamento analítico, estamos nos reportando a um tratamento longo e intenso, com profundidade que visa ir à causa, e ir à causa é examinar o inconsciente, bem como deixar analisada a relação analítica vivenciada por anos (particularmente não acredito em análise rápida). Não quero dizer aqui que será feita uma “limpeza da Chaminé”, como Freud denomina o processo nas Cinco Lições de Psicanálise, mas sim que é possível que o paciente tenha clareza de seus sintomas e possa administrá-los, o que é um grande ganho terapêutico.

Trago duas citações sobre o espaço do analista:

[...] o analista não só procura como o texto produz sentidos, ele procura determinar que gestos³ de interpretação trabalham aquela discursividade que é objeto de sua compreensão. Em outras palavras, ele procura distinguir que gestos de interpretação estão constituindo os sentidos (e os sujeitos, em suas posições). (ORLANDI, 1996, p. 88).

Um psicanalista nunca deve se contentar em se dirigir ao outro sem, ao mesmo tempo, considerá-lo profundamente. Deve, por isso, se perguntar duas vezes ao abrir uma discussão pública. Habitado à penumbra, onde as questões se apresentam timidamente, principalmente quando são mais pertinentes, diante de luzes em profusão, corre o risco de omitir referências ao que não vê, ofuscado que está, pelo excesso de iluminação e, assim, optar por aquilo que mais brilha. Trabalhamos com incertezas e estamos sempre incertos. (VALADARES, 1999, p. 1).

Encerro esta análise por um único motivo: ela é interminável. Mas nesta escritura, por enquanto, neste momento pessoal e teórico meu, é possível dizer o que já está dito, aqui ou acolá, e criar este espaço é também fazer uma varredura interna (aqui falo da minha posição de psicóloga de orientação psicanalítica), portanto não tenho a pretensão de querer resolver as dificuldades que ambas as disciplinas encontram no percurso de uma análise, mas sim de realizar paradas reflexivas, para analisar a possibilidade de utilizar o conhecimento de uma e de outra. Este texto é apenas um ensaio nessa direção. Abrem-se muitas questões... O discurso é heterogêneo, não há como fugir!

³ A palavra ‘gesto’ é usada em AD para explicitar “atos no nível do simbólico”, segundo expressão de Pêcheux que Orlandi retoma: “assobios, aplausos, vaias, atirar uma bomba em uma assembléia, etc. Ao utilizarmos a expressão gestos de leitura, como é próprio à análise de discurso, e no meu caso específico *gestos de interpretação*, estamos pois fazendo da leitura, e da interpretação, um ato simbólico dessa mesma natureza de intervenção no mundo. Uma prática discursiva. Lingüístico-histórica. Ideológica. Com suas conseqüências. Com efeito, pode-se considerar que a interpretação é um gesto, ou seja, ela intervém no real do sentido.” (ORLANDI, 1996, p. 84).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vou iniciar fazendo uma remissão à parte introdutória deste trabalho de dissertação, onde hipotetizo que realizar o diálogo da AD francesa com a psicanálise “pode” propiciar uma reflexão às questões teóricas da psicanálise, assim como hipotetizo que possa contribuir para os estudos e a prática dos psicanalistas, bem como para os analistas da AD francesa. A proposta da dissertação é discutir o lugar ocupado pelo psicanalista dentro do espaço analítico, e em que medida – supondo-se ser isso possível – a AD, tal como se constitui hoje, poderia “atravessar” o espaço da clínica com alguma contribuição, uma vez tendo sido, em sua própria história, atravessada pelo conceito psicanalítico de inconsciente, conforme programa formulado por Pêcheux (cf. PÊCHEUX, 1988; TEIXEIRA, 2005).

Agora é chegada a hora de tirar algumas conclusões:

a) ao que tudo indica, o lugar ocupado pelo analista do discurso é, por princípio, um lugar inseguro e de instabilidade da realização de suas análises, comparativamente ao lugar e função do psicanalista. O lugar do psicanalista é um lugar que, pelo que pude observar nas entrevistas, tem certa estabilidade: é nessa posição que se realiza sua análise, em um enquadre terapêutico onde há regras estruturadas e “fixas”. Isto deixa o psicanalista mais seguro e com maior tranquilidade em seu fazer clínico, bem como na escuta do discurso do paciente e as interpretações dadas a este;

b) para os psicanalistas, fazer a análise fora do *setting* é considerado por eles, inclusive, uma violência, portanto não se pratica psicanálise fora de um *setting*. Já os analistas do discurso não apresentam um espaço de trabalho tão delimitado, e assim a instabilidade se faz marca, constitui essa prática; ao mesmo tempo, o espaço de trabalho do analista do discurso é muito mais amplo do que o do psicanalista, podendo, já que seu olhar se estende a regiões que se dão como filiações históricas, na linha do tempo e do funcionamento ideológico, estar em sintonia com a atualidade. Podem, sim, os psicanalistas aqui dizerem que

talvez o interesse maior não é exatamente estar atualizado, ou na atualidade do mundo com o mundo, mas sim com o inconsciente do seu paciente.

O espaço do psicanalista assim delimitado é algo que é questão da minha pesquisa, pois se na atualidade estamos com um Outro diferente do que se vem apresentando, então o psicanalista também, para ter maior abrangência em sua escuta, terá que entrar em outros campos teóricos, e um deles – que constitui minha proposta – é a área da lingüística, especificamente a Análise do discurso francesa, pois essa abordagem propõe um aparato teórico que pode favorecer a escuta do psicanalista no que concerne à história de vida de seus pacientes. Proponho que as interpretações ou pontuações feitas pelo psicanalista sejam facilitadas tanto para este quanto para o paciente pela compreensão do modo de imersão “cultural” deste sujeito e de como estas questões podem ser pertinentes às formações do inconsciente.

A sensação confortante de poder ter trabalhado no entremeio, e justamente com duas teorias que se afinam pela aproximação e pelo distanciamento, constitui um prazer que não pode ser escrito e nem dito. Ter alcançado o objetivo deste trabalho significa muito mais que terminar um mestrado, tem o senti(r)do(r) de realizar um dos projetos de vida, tão bem delimitado e com tantas angústias pelo caminho, marcadas pela sensação de pertencer a uma área e querer se aproximar de uma outra similar, e a dor de ter que “dar” por terminado este trabalho neste momento.

Para que o leitor faça uma construção mental das aproximações que podem ser frutíferas à psicanálise, quero ser enfática ao afirmar que jamais podemos apanhar um conceito daqui (deste campo discursivo) e “enfiar” ali no outro campo discursivo. Assim, a psicanálise – e não falo apenas aos psicanalistas, falo isto porque considero a psicanálise um campo amplo o suficiente para não se restringir à clínica – pode se valer do conceito de acontecimento, para depreender os significantes do discurso do sujeito, bem como o conceito de assujeitamento, pensando o sujeito inscrito na historicidade e assujeitado não só ao inconsciente, mas também à ideologia. A compreensão de formação discursiva é de grande valia, pois “revela” a posição que o sujeito ocupa dentro do seu campo, e suas significações da realidade psíquica.

O psicanalista deve estar com a sua escuta voltada para o inconsciente do seu paciente, mas, a par deste trabalho, convém voltar-se também ao condicionamento social subjetivo, ao sujeito atravessado e marcado, inclusive em seu corpo, por sua historicidade, suas filiações na pauta social.

Na AD, o que podemos notar é certa fragilidade no uso dos conceitos da psicanálise; parece-me que há necessidade de o analista embrenhar-se no discurso teórico da

psicanálise e da AD para compreender de que forma se lê o “inconsciente” na AD. O conceito de inconsciente foi o mais evidenciado a partir de Pêcheux (que previu a relevância dele ao lado do conceito de ideologia), assim como é o mais utilizado, mas não há uma definição dentro da AD para o inconsciente; então, será que podemos lê-lo como é lido na psicanálise lacaniana, já que as ramificações absorvidas no campo da AD são da psicanálise de Lacan?

Terminando, sem querer terminar, sem ter dito muita coisa que possa ser diferente do já dito, a metalinguagem, notifico a necessidade de a Psicanálise estar mais atenta ao campo das ciências da linguagem, pois daí advirão contribuições importantes para o fazer psicanalítico!

“Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

(Fernando Pessoa, *Tabacaria*)

Este lugar, o da poesia, “pode ser” um dos que os analistas do discurso possam tomar: o lugar do não-saber, o lugar do silêncio, o lugar do belo e da angústia...

Considero este parágrafo que termina com reticências o “mais adequado” considerando o que se tratou nesta dissertação: um lugar limoso, um lugar do suposto saber (de quem não sabe), um lugar de instabilidade e do inusitado.

Trecho de uma entrevista: Psic. A:

Psic.: “Na situação analítica? Bom, eu acho que ele tem um lugar em que ele ocupa ou que ele, vamos dizer assim, que ele deve ocupar, vamos dizer assim, né.

M: Procurar ocupar?

Psic.: Quando ele mostra que ele não é aquela... não age de acordo com as projeções, vamos dizer.

M: Que ele não corresponde?

Psic.: É”.

Este recorte é apenas para ilustrar o lugar que o psicanalista ocupa na situação analítica, um lugar em que não há respostas! E em cada situação de análise algo diferente se apresenta, um acontecimento: o que valeu “ontem” talvez não valha mais “hoje”!

REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente**: Freud, Saussure, Picho, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BURCKHARDT, Jacob: **A Cultura do Renascimento na Itália**, Brasília, UnB, 1991.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- DUFOUR, D.-R. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- FURLANETTO, M. M. Onde está o analista de discurso? **Publicatio Uepg**, Ponta Grossa - PR, v. 10, p. 41-72, 2002.
- HORNE, B. **Fragmentos de uma vida psicanalítica**: da IPA a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LACAN, J. **O seminário**: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2. ed. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- MILLER, J.-A. **Percorso de Lacan**. Uma introdução. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- ORLANDI, E.P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- RACKER, H. **Estudos sobre a técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE, v. 39, n. 4, 2006. A Psicanálise pode ser diferente. Gisele Paraná Sanches. Casa do Psicólogo.

SILVA, M. E. L. da (coord). **Investigação e Psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993.

TEIXEIRA, M. **Análise de discurso e psicanálise**: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VALADARES, J. de C. **A propriedade, o espaço e o lugar do sujeito**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 15 n. 4, out./dez. 1999.

VIOTTI, F.R.de A. **Origem e fundamento da mística pós-moderna**. Disponível em www.angelfire.com/id/Viotti/PosModern.html Acesso em Jan/2007

Comunicação apresentada no II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso. *O Campo da AD no Brasil: Mapeando conceitos, confrontando limites*, organizado pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizado em Porto Alegre, na Reitoria da UFRGS, entre os dias 30 de outubro e 4 de novembro de 2005

ANEXO – ENTREVISTAS

Entrevista 01
Identificação: AD francesa
Instituição: UNISUL
Data: julho/2005

M) A minha proposta de trabalho sempre foi trabalhar com a psicanálise. Eu estudo psicanálise há dez anos, tô na formação em Porto Alegre, aí agora depois de Freud a gente entra em Lacan. Eu tô fazendo uma leitura em Lacan. E aí o meu anteprojeto de pesquisa foi investigar o lugar do analista.

E) Certo.

M) Mas aí eu achei que... eu, professora Marta, professor Laudelino também, que é assim... que é meu professor, que ia ser uma coisa muito grande. Pesquisar o lugar do analista da AD francesa e do psicanalista. Professor Laudelino disse assim: Isso é um dinossauro! Faz uma lagartixa. (risos). Que também dá pra ver. Aí eu recortei, fui recortando e aí cheguei assim no lugar do psicanalista na situação analítica. E a gente vem estudando muito a respeito lá em Porto Alegre, a respeito agora dessa... da pós-modernidade, dos novos sintomas. Que a gente não sabe... tem um professor meu que diz assim: será que os psicanalistas estavam sendo surdos pra esses novos sintomas? Esses que não são novos, então estão? Ou será que são mesmo da pós-modernidade? Que a questão da forma, da coisificação, né, não tem mais qualidade. Números, de plásticas, de botox. E até compara que botar botox agora é igual experimentar vestido de antigamente. E aí eu tentei assim fazer mais um recorte ontem com a professora Marta. Pensando assim... e aí essa é a minha pergunta pra você, porque aí eu acho que a AD tem muito pra contribuir pra psicanálise. Da biologia, memória de..., se a psicanálise não trabalha, mas que deveria trabalhar, na minha concepção, né. Então assim oh, qual o posicionamento do analista do discurso frente ao discurso a ser analisado?

E) Ta. Que seja. Pra mim a pergunta não tem nada de psicanálise, né.

M) Não. Você, analista do discurso.

E) Pois é. Eu acho que a análise do discurso, em 1º lugar é uma des-disciplina, é uma não disciplina, no sentido que ela é transversal, digamos, pra disciplina. Então ela tem uma teoria e um método próprios e, portanto, tem um lugar epistemológico assim muito preciso. O forte, pra mim, é o método mesmo da análise do discurso, né. Por quê? A materialidade é lingüística, né. A matéria com a qual a gente trata. Mas, nesse sentido é parecido com a psicanálise porque é uma materialidade quase que sintoma de coisas que estão determinando essa materialidade. Então, você fazer uma formulação vindo de um jeito e não de outro. Significa e significa porque você tá determinado de alguma forma naquela posição que ocupa ao viver aquilo daquela maneira. Você tá determinado por aspectos ideológicos, por aspectos históricos e que são, até certo ponto conscientes e até certo ponto não conscientes. Então, até aí nós estamos muito próximo de um olhar psicanalítico, né. Que também vê na fala um sintoma de coisas apagadas pelo inconsciente, ou num nível inconsciente, acessível ao próprio sujeito e etc. E o psicanalista vai buscar então essas coisas que estão silenciadas, digamos, né. Agora, o que talvez marque um distanciamento dessas duas teorias e método é que pra análise do discurso não se trata de uma questão individual, se trata de uma questão conjuntural, ou seja, a unidade mínima do discurso é a formação discursiva. E essa formação discursiva decorre de uma formação ideológica que é constituída na história. Então, isso significa que a posição, enfim, a atividade individual, ela só é sintoma de uma posição de sujeito possível e

que poderia ser qualquer indivíduo ocupar essa posição. Deu. Então, por exemplo, vamos assim baratear um pouco.

M) Quando você fala em posição do sujeito eu posso entender um pouco assim do discurso?

E) Pode entender. Isso, isso.

E) Atualmente nós estamos trabalhando muito mais nas diferentes formas de inscrição do sujeito numa forma sujeito. E isso tem, digamos assim, trazido resultados muito interessantes, né. O que mudou um pouco foi o foco dessa, digamos assim, maneira de enxergar o sujeito do discurso. E hoje já pode ser visto como um sujeito heterogêneo, um sujeito que tem as suas diferenças internas. Ainda não é a categoria do indivíduo, né. A categoria do indivíduo ela tá marcada pela consciência, pela intenção.

M) Pelo empírico, né?

E) Pelo empírico. E a categoria do sujeito tá marcado pelo esquecimento, eh, pela determinação da história e da ideologia que nem sempre é consciente. Então, por isso não é individual. É uma categoria assim que abarca mais de um indivíduo. Abarca qualquer indivíduo inscrito ali naquela conjuntura histórica e ideológica. Mas, de toda maneira já não é mais aquela forma de sujeito idealizada, do tal discurso.

M)S. o posicionamento hoje, tá falando o que tá se estudando atualmente, né. Aí eu fiquei me recordando aqui, que eu li Authier, alguma coisa da heterogeneidade, né.

E) Isso, isso mesmo. E a questão da autoria e tal.

M)Acabei de ler um artigo, se não me engano é da Bettania. Maria.

E) Mariani.

M) Mariani Bettani, isso. Que fala função-autora, autoria, né, que fala de trabalhos que... Existe uma... parece existir uma demarcação de uma coisa mais individualizada no sentido não do indivíduo, mas de...

E) Particularidade.

M) Isso. É! De ser ímpar, né, daquele sujeito. Isso... esse movimento, será que é um movimento agora de um novo posicionamento pela etapa que a gente tá passando, que é a desconstrução da pós-modernidade, da...

E) Da descontinuidade.

M) Da descontinuidade. Exatamente assim.

E) Da fragmentação, fragmentação e tal. É. Então eu acho que a análise do discurso quando ela entrou nessa 3ª fase, ela ficou uma teoria, ela ficou uma teoria, digamos assim, muito produtiva para se analisar pós-modernidade porque ela tem esse... Primeiro, essa característica de não ser disciplina, né, portanto, descontínua, não linear, né.

M) Quer dizer, essa posição, esse lugar que você tá falando é o lugar que o analista do discurso tá ocupando também, né.

E) Isso.

M) Do descontínuo, do... posso até chamar um pouco de desagregado, né?

E) Isso, isso. Exatamente. Exatamente porque assim olha, o método de análise do discurso prevê que você não faça um trabalho linear sobre o discurso. Você vai olhar pro seu discurso através de um recorte. E esse recorte é teórico e isso significa que você não vai pegar, por exemplo, toda a produção do último século, toda produção das 3 últimas décadas do discurso, é, jurídico, por exemplo, você vai olhar assim, eh, de que maneira o sujeito do discurso jurídico se inscreve na relação como pedagógico? Por exemplo? Então, aí você constrói, é uma lente teórica pra olhar o material. E você vai pinçar de forma descontínua no... aquilo que constitui argumentos ou pistas pra você compreender essa conjuntura que não tá explícita na materialidade lingüística, mas que tá ali como um pré-construído, um inter-discurso, de ancoragem daquele sentido, tá? E você atinge assim o teu discurso, esse pré-construído, através dessas pistas, que você vai pinçando. E o que permite você identificar uma pista é esse recorte que você já fez antes, entendeu? Então a tua hipótese, digamos, ela deve constituir um recorte pra você decidir sobre o.... E aí você vai ter ou não a comprovação dessa hipótese, na medida em que você vai recolhendo estas pistas e vai observando qual é o sentido que permite que aquilo seja dito. E por que dizer daquela maneira e não de outra, né. Então, a gente tava falando da particularidade, né, nesses casos aí. Que hoje em dia a gente tá chegando a uma particularidade. Bom, eu acho que o conceito, o conceito mais recente da análise do discurso e que deu mais margem a essa virada foi o conceito de acontecimento. Essa noção de acontecimento o Pêcheux formula a partir de outros autores, e tal. Mas ele formula de um jeito muito especial. Porque ele diz assim, que o acontecimento ele é um nó onde vários discursos em confronto asseguram um dizer que de certa forma é inédito. Mas ele é inédito naquela relação.

M) Certo. Naquele, naquela interdiscursividade mais ou menos assim?

E) Exatamente. Naquela interdiscursividade, naquele tempo e naquele espaço onde ele se dá. Então, quando você estabelece um acontecimento pra ser observado, aí esse acontecimento ele constitui o recorte ideal pra você ver o.... Então, por exemplo, se você vai analisar o discurso jurídico você vai pegar um acontecimento exemplar e toda essa conjuntura vai tá ali presente, materializada nesse acontecimento. Ao escrever o acontecimento você descreve, eh, o novo sentido. Que não é um novo sentido de um indivíduo, mas é um novo sentido discursivo. Exemplo: Quando o PT assumiu a presidência da república. Naquele momento significava alguma coisa que o país ainda não tinha vivido. Ou seja, uma oposição ou um partido representado por um trabalhador, eh, peão, né, e que chegou à presidência né, e que... de forma totalmente inédita, nós não tínhamos isso na nossa tradição política e tal. Tá, então tudo isso tá acontecendo e de repente você vê uma imagem na televisão naquele dia da posse que é: um povo que veio lá em Brasília, de repente pulando dentro do espelho d'água. Então aquela cena daquelas pessoas, entrando no espelho d'água do planalto significa um acontecimento discursivo, que materializa um confronto que é indizível, né. Que você teria que desdobrar em frases, frases, em proposições, proposições, mas que está completamente condensado naquela cena. Ou seja, aquele espelho d'água é um espelho d'água, não é pra ninguém entrar e é pra ser visto e é pra ser admirado de fora. E tem toda a questão do poder, da hierarquia e tudo espelha, né, naquele espelho. E de repente as pessoas mergulham no espelho d'água e gritam: Agora é nosso! Nós estamos aqui! Ou... e qualquer coisa assim, né. Que qualquer corpo dentro do espelho d'água já tava significando, quer dizer, somos nós

aqui, quer dizer, já estava falando. Então, esse tipo de... então aí o que você tem? Você tem informações discursivas diversas né. Você tem o discurso político, você tem o discurso econômico, financeiro né, você tem o discurso... eh, você tem o discurso ali do sindicato, enfim, você tem um monte de coisa ali.

M) Do filho que tá ganhando um pai, olhando pela psicanálise.

E) Isso, exatamente, exatamente. Então você tem ali um nó de sentidos que você precisa selecionar e recortar pelo método da análise do discurso. Recortar esse acontecimento, né. E procurar ali quais são os pré-construídos, quais são...o que é o interdiscurso que permitiu naquele momento que aquela cena acontecesse. Não só que ela acontecesse, mas que ela acontecesse daquele jeito e não de outro jeito.

M) Ahamm.

E) Então, recuperar esses sentidos é fazer análise do discurso. E identificar que ali tem algo inédito e novo. É identificar uma diferença, uma autoria, né, enfim, uma particularidade e não se tinha antes, não se tem outro... em outra formulação, mas que não é individual, entende? Não se trata de um novo sentido produzido por um indivíduo, mas se trata de um novo sentido produzido pelo discurso mesmo, historicamente. E que serve depois como uma posição possível de ser acessada por outros indivíduos. Inaugura uma posição-sujeito, que é o povo no poder. Depois como isso vai ser trabalhado na sociedade já é outra história.

M) Aí é outra formação discursiva, de outro discurso.

E) Outro desdobramento. É. Então esse tipo de coisa mostra que análise do discurso não trabalha com determinismo somente. Porque uma das críticas que a análise do discurso sofreu muito fortemente foi a de que... bom, análise do discurso só se preocupa em mostrar como o sujeito tá determinado, e que ele tá sempre determinado. E que o discurso já tá lá, e que ele só tem a submeter ao discurso e à verdade do discurso e, enfim. O sujeito tá amarrado, ele não tem movimento, ele só é identificado no lugar da determinação. Ele não tem autoria. E aí, com esse tipo de trabalho a gente mostra que não é assim. O sujeito tem autoria o tempo todo. Com o conceito de descontinuidade né. Então eu te dei um exemplo de uma cena, ou o que poderia ser uma proposição, né, verbal, onde a autoria está forte, né.

M) Presente ali, né?

E) Presente. É latente. É toda autoria essa formulação. Bom, só que... ainda assim não se trata de um indivíduo, mas sim do movimento histórico, social, entendeu?

M) É. E de uma formação discursiva que ali se junta e passa e...

E) E se altera.

M) É. E forma uma naquele momento, naquele instante, naquele... né?

E) É isso aí.

M) Que é o que a gente vem estudando em psicanálise. Por que o indivíduo fala... por que o indivíduo, por exemplo, o sujeito chega numa sessão ele fala: "que bonito dia" e não: "que belo dia"?

E) Isso, naturalmente.

M) Tem. Existe uma diferença.

E) Isso. Existe uma diferença.

M) Existe uma diferença que vai ser desse discurso.

E) Isso mesmo.

M) Porque eu vou ter que analisar. Que é o que, né?

E) Exato. Então, talvez o que distancie uma análise do discurso de uma análise psicanalítica é que nesse momento em que o sujeito formula algo, né, a psicanálise talvez procure esse pré-construído na história do próprio indivíduo. E a análise do discurso procura essa... esse sentido não na história do indivíduo, mas na história em que o indivíduo está inscrito. Ele tá inscrito...e na forma como ele tá inscrito nessa história. Então, a sua forma de inscrição na história é que leva à formulação A e não B. E não a sua história individual, entendeu?

M) Pois é. Aí eu acho... veja bem, me ajuda né, que a AD pode contribuir muito pra escuta psicanalítica no sentido de que a minha escuta ela não tem que vir só do inconsciente. Porque a nossa escuta é do inconsciente.

E) Isso, isso.

M) Mas uma escuta que também é historicamente construída, ideologicamente construída que pertence a uma formação discursiva. Alguns mais rígidos, outros mais numa formação discursiva mais flexível, não é?

E) Perfeito.

M) E pensar, eh, o que eu quero tentar aproximar e diferenciar também, por exemplo, pra análise do discurso, que toda hora fala em consciente, inconsciente, mas não define o que é inconsciente.

Tá, eu pego o conceito do Lacan e boto aqui na AD só? E entendo assim? Ou a Ad reformula mais alguma coisa que a gente não acha?

E) Então, entendi.

M) Tentar contribuir pra ambas...

E) É uma relação super interessante porque, por exemplo, no Pêcheux eu acho que aonde o inconsciente é mais produtivo é no momento em que ele formula os 2 esquecimentos. O esquecimento número 1 e 2 que ele chama de inconsciente, eh, o primeiro do esquecimento do inconsciente o outro seria do pré-consciente, digamos. Ou seja, no primeiro caso o sujeito tem a ilusão de que ele está na origem do dizer. Então ele esquece tudo o que determina que ele diga o que ele diz. E como ele esquece ele aparece como origem do dizer, né. E tem a ilusão de que tempo inteiro a impressão de que está originando o dizer quando esse dizer já tá marcado, determinado pelo lugar onde ele se inscreve, pela posição do sujeito que ele tá ocupando. Então, por exemplo, isso tudo que eu tô te dizendo agora, eu tô te dizendo dessa maneira que eu tô dizendo porque eu sei em que âmbito nós estamos. Eu sei que se trata de

peças ambas inscritas num programa de mestrado, eh, observando uma certa teoria e a partir de certos subsídios que a gente conhece quem deu. E essa pessoa que deu, quem leu.

M) Ahamm. (risos), tudo construído.

E) E o que você espera do que eu vá dizer e que tipo de coisas eu tenho que dizer contando com o pré-construído que você já tenha pra me ouvir. Então, portanto, a imagem que eu tenho da imagem que você tem do que eu vou dizer também conta, enfim, o imaginário, o simbólico. Então, tudo isso determina o meu dizer, então eu não estou originando esse dizer, na verdade eu estou preenchendo um espaço que já tá criado, cunhado historicamente. E só me permite ocupar. E ocupando formular de certa maneira pra ser reconhecida neste lugar. Então, mas isso tudo eu não posso ter consciência o tempo todo. Porque se eu tiver eu me calo, porque eu vou chegar à conclusão que eu não preciso. (risos)

M) Exato.

E) Então é um esquecimento necessário. Como diz o..., condição de saúde mental, né, porque se você começa... Então aí tem uma amiga minha que fez uma análise sobre o discurso psicótico e ela analisou um dizer de um paciente que reformulava, reformulava, reformulava, reformulava. Ele nem chegava a formular exatamente, porque ele punha tantos, tantas, tantos apóstrofes, assim né, vírgula isso, vírgula aquilo, vírgula aquilo, então. Não, mas antes eu quero dizer que... não porque nananana, pra dizer algo que nunca era dito, então não tinha um lugar. E aí...

M) Porque é o lugar do desejo pra psicanálise, né. Ele psicotiza porque ele não nasce num lugar que é um lugar de desejo. Então ele fica com os significantes soltos. Que é isso que você tá dizendo aí, vírgula, vírgula, vírgula.

E) Pronto, pronto. Então. Pra análise do discurso a conclusão que ela pode assim elaborar, eh, ela via ali uma não posição do sujeito, né. É uma posição do sujeito que se nega o tempo todo a acontecer. Uma forma muito estranha. Então, ou seja, isto significa que uma posição do sujeito exige como condição o esquecimento do que tá determinado. Do que há e está determinando porque lembrar significa necessidade de reformular. Porque quando você lembra você percebe a inadequação permanente do teu dizer. E aí você reformula, reformula. Então esquecendo você tá satisfeito. Você fala bem na cena, né.

M) Sim.

E) Bom, esse é o esquecimento número 1. e o esquecimento número 2 diz respeito a uma escolha pré-consciente do que você vai dizer. De que maneira você vai formular, porque isso é do controle do descontrolo. É uma zona intermediária, porque tem a ver com o imaginário, então, tem a ver com aquilo que eu falei: a imagem que eu tenho da imagem que você tem do que eu vou falar e etc. então, a gente enquanto sujeito tem a oportunidade de...

M) E esse conceito é Lacan, né? Esse conceito que você acabou de falar é Lacan.

E) Pois é, eu não sei. (risos)

M) O que nós somos né? Lacan diz que a pior coisa que tem pra se perguntar para um sujeito é perguntar quem você é, né. Porque ele diz: o que a gente tem é uma hiância, nada mais que isso. É um buraco vazio que nada... então você pega e tampona com o seu imaginário, que é o que você pensa que os outros pensam que pensam de você.

E) Pronto. Isso. E digamos que possa haver uma calibragem nisso daí conforme a situação de interlocução que você se encontra. Então, por mais que você esteja determinado enquanto sujeito pelo lugar discursivo...a posição do sujeito que você ocupa, os interlocutores mudam dentro desse mesmo discurso, dessa mesma formação discursiva. E conforme muda o interlocutor você calibra esse imaginário e você escolhe mais ou menos, escolhe esquecendo também o que você vai dizer conforme muda o interlocutor. Então você vê que é de um nível um pouco mais acessível pro sujeito o esquecimento número 2. Diferente do 1 que é aquele que não se tem controle nenhum, nem conhecimento. É puro.

M) Tá debaixo do tapete.

E) Tá debaixo do tapete. Então, a formulação desses dois esquecimentos eu acho que é o lugar de aproximação maior da análise do discurso com a psicanálise, ou seja, o que que o Pêcheux faz da leitura de Lacan? Ele produz esse conceito desses 2 esquecimentos. Isso funciona como premissa, como princípio para todo método da análise do discurso. Mas não que o método vá o tempo inteiro, eh, olha, mas isso tá esquecido, mas isso... não, na verdade essa premissa é o princípio e como alguém já disse um dia, os princípios são sempre melhores do que os meios. (risos) Então, o meio é mais pé no chão, quer dizer, no método você vai pegar os textos e vai observar apagamentos, alguns apagamentos, alguns silenciamentos, considerando um certo pré-construído que tá... no qual essa formulação tá ancorada. Então ela tá silenciando, apagando coisa e tal. Mas você não pode nunca pegar todo o esquecimento, nem todo o silenciado porque tudo não se tem, né, não se pode. Agora você pega algumas coisas pela formulação. E essas coisas só podem ser identificadas pelo método da análise do discurso, enquanto formulações produzidas pela história. Produzidas pela ideologia e não produzidas por um indivíduo, entendeu? Porque digamos assim, o âmbito do indivíduo, a circunscrição do indivíduo não é produtiva em análise do discurso.

M) Então não dá pra se trabalhar né, com conceitos de...

E) Seria caótico.

E) Então essa...digamos assim, existe uma linha tênue nessa 3ª fase da análise do discurso que absorve a noção de heterogeneidade, né, e de acontecimento, função, autor e tudo isso. Uma linha tênue naquilo que é análise de discurso e naquilo que é análise enunciativa, porque o sujeito da iniciação [enunciação] é um sujeito individual e é um sujeito consciente e intencional. E é ele que marca mais imediatamente o enunciado. Então quando você pega a heterogeneidade, que são as vozes, a polifonia e tal e coisa, você, assim, acaba correndo o risco, né, de entender isso só no nível dos interlocutores, que é o nível da enunciação, né. Então é muito comum trabalhos que se propõem a observar a heterogeneidade e as diferentes vozes no dizer de sujeito e tal. Parar, digamos, se ater ao nível enunciativo, que é esse da interlocução propriamente, na medida em que esse outro é um Outro imaginário. Mas pra você chegar num nível discursivo você tem que passar para um Outro histórico, não Imaginário. Não é um outro interlocutor, é um outro dizer, é um outro discurso.

M) Eu já li algo sobre Jacqueline Authier. Ela é muito lacaniana, né, bastante.

E) Isso ela é. E ela trabalha na teoria da enunciação.

M) E qual mais autor? Que mais?

E) Então.....também está vinculado à análise do discurso de certa forma, né. Outros autores pra essa... bom, você tem aí em Orlandi. Você já pegou o texto de Orlandi?

M) Nossa! Já peguei, já li.

E) Agora a partir da vinda, digamos, do analista do discurso pra Brasil se desenvolveu de uma forma muito particular a análise do discurso, né. E esses conceitos todos eles são produzidos e desenvolvidos ou de autoria e tal, produzidos e desenvolvidos no Brasil. Então hoje em dia os franceses tão vindo pro Brasil pra ver o que aconteceu com a análise do discurso. Porque na França não aconteceu mais nada.

M) Ah é? Não tem produção?

E) Muito pouca coisa e eles ficaram muito marcados por aquela fase em que a análise do discurso era marxista e que, portanto, determinista e que não tinha saída e etc e tal. E eles não fizeram essa passagem que a gente fez facilmente aqui no Brasil, de desvincular uma coisa da outra, né. Então, por exemplo, tá acontecendo desde o ano passado, desde o ano retrasado. Vai ser de 2 em 2 anos um seminário de análise do discurso do Brasil. Teve o primeiro em Porto Alegre o ano passado, ou retrasado, e agora vai ter este ano. E este seminário ele tá procurando justamente abrigar e publicar tudo o que se faz no Brasil que já não é mais a formulação francesa. Esses conceitos todos. Então se você quiser depois eu te passo as datas e tal.

M) É, eu quero.

Entrevista 02
Identificação: AD francesa
Instituição: UNICAMP
Data: Junho/2005

M) Eu tô fazendo assim, eu estudo psicanálise há 10 anos, mas assim...

E) Mas você atua?

M) Eu não me considero assim uma psicanalista, não, né. Eu acho que... é eu atuo, eu faço clínica em psicanálise. E aí eu pensei em um projeto em cima da psicanálise. Eu vim pro mestrado em Ciências da Linguagem buscar a linguagem por causa de Lacan, porque Lacan que vai ressignificar alguns conceitos que Freud trabalhou, né, que são importantes através da linguagem, através de Saussure, de todo o pessoal da lingüística mesmo. E aí eu fiz algumas aulas com a Prof^a Marta e achei assim maravilhoso porque tem alguns momentos que a psicanálise parece que não dá conta das coisas, né? Ela não fala de ideologia, não fala de uma função social, de um lugar. E aí eu fui recortando o trabalho, recortando, recortando e cheguei num tema assim:

Qual o lugar, que lugar ocupa o psicanalista na situação analítica? Ou seja, na situação paciente/ terapeuta na atualidade hoje que é, não sei se dá pra chamar de pós-moderno, mas na pós-modernidade eu vou utilizar a AD pra dar suporte teórico pra psicanálise? Então eu vou entrevistar 3 analistas do discurso e 3 psicanalistas.

E) Você conhece o trabalho da Mariani Betania?

M) Não, eu vou começar a anotar já.

E) Ela...é que essa tua pergunta ela não vai falar da...do sistema, de,... no mesmo caso e coloca e faz 4 posições analíticas funcionarem na interpretação de um mesmo caso. Marion/Mariom, com com... É...então, ela é daquele grupo da teoria dos campos do Fábio, do Fábio, aí como é mesmo o nome dele? Fábio São Paulo? Não, não é da semântica, é da psicanálise mesmo. Ele tem...

M) Ah! Fábio Herrmann. Teoria de Campo. Teoria de Campo, né? É Teoria de Campo que é... Lacan tem um texto que é função e emprego da linguagem.

M) Então, Fábio Herrmann é de uma das sociedades brasileiras que eu vou entrevistar.

E) Que bom! Então, ela fez o trabalho e ela mostra (que quando você tá perguntando qual é a posição do psicanalista)...

M) É, porque aí a minha pergunta pra você é:
 Que lugar ocupa o analista do discurso na linha francesa na escuta do discurso que vai ser analisado?

E) Não, mas a questão pra mim é a seguinte: quando ela faz esse trabalho ela tá mostrando que não existe o analista, o psicanalista. Porque o mesmo caso, dependendo do instrumental que ele vai usar, dá em soluções completamente diferentes. Então eu poderia te responder assim: - Escuta, não há o analista do discurso. Tá, então a tua pergunta é: - Qual a posição do psicanalista? Talvez você esteja imaginando ou lidando, pressupondo um analista aí, pronto, no mundo, puro, que vai funcionar e não sei, por isso que eu queria já problematizar o lugar. Quem é esse analista? Como se diz esse analista? Tá em... do analista. Porque você tá me

colocando numa posição como se essa entidade (risos), se ela existisse, ela pré-existisse, entendeu? Não pré-existe, quer dizer, o analista do discurso? Quem faz o Analista são questões.

M) Mas é isso mesmo, é perfeito, é por aí mesmo! Por quê? Porque eu acho, eu tenho a hipótese de que esse lugar pronto que diz que é um semblante, né? Lacan vai dizer que é um lugar do Sujeito Suposto Saber, né. Eu não consigo, eh, digerir isso.

E) Você vai desconstruir? Moreno, que lida com questões X, é um tipo muito distinto da S, que lida com questões Y.

M) A tentativa, a tentativa, né? Porque é muito assim, tudo muito frágil, eu acho. Porque eu acho que é o lugar que escorrega, ele é, ele é gelatinoso, ele não tem lugar, ele também tem nome. E por isso que então aí eu pensei nesse recorte a mais que foi da pós-modernidade, não sei se eu tô... aí até eu quero uma opinião assim, o que que tu acha? Eu não sei... uma discussão de modernidade, pós-modernidade é algo muito inacabada.

E) Por que te interessa essa questão, de pós-modernidade?

M) Porque na escola brasileira de psicanálise a gente vem agora discutindo que o discurso do sujeito atual, o sintoma atual, é um discurso vazio. É um discurso que a gente chama de obeso, que é um discurso de forma, não tem conteúdo, né. A gente tem uma matriz psíquica que é onde fica registrado a afetividade. E agora é... isso não tem importância né? As relações vinculares, familiares, isso tá sendo desconstruído, coloca algo no lugar, coloca uma babá, coloca uma babá eletrônica, coloca um brinquedo, coloca creche, coloca tudo em virtude... pra... por não... a gente entende, não tem nada fechado ainda, né, tá sendo muito discutido isso ainda e vem, é uma questão que é, que vem de Buenos Aires inclusive, né. O que que a gente percebe, de fato, porque antes nós tínhamos o quê? Históricos, obsessivos. Então pah diagnóstico pah, deu, trabalha nessa linha, fixação aonde? Oral? Anal? Fálica? Aqui, então pah, psicose, então era assim. Então a grande discussão era assim: Será que não existia esse sintoma e... ou existia e os analistas não conseguiam escutar, ou de fato não havia e agora está sendo produzido a partir dessa coisa numérica. Então as pessoas estão preocupadas com números de casos que têm, números de carros que têm, números de plásticas, números de silicones, números de quantidade mesmo, discursos numéricos, não há continuidade de raciocínio no discurso, fragmentado. Então o que é que Buenos Aires tá estudando muito? Como é que o paciente fala, porque o paciente fala “uma bonita um belo dia” e não “um bonito dia”. A construção dele tá se chegando a esse ponto assim de pegar a linguagem pela linguagem porque quando eu comecei a fazer clínica, e não faz tanto tempo, faz... vai fazer 11 anos, mas é novo, né, porque a psicanálise só tem 100 anos. Nós tínhamos que ter um entendimento do discurso como um todo. Pensando aí em informações discursivas, pensando um pouco assim de onde vem, de que lugar tá falando e pensava assim. Agora pra fazer uma supervisão tem que escrever a sessão do meu paciente *ipsis litteris*, porque pra pegar a linguagem tem agora a tecnologia, como você tava falando, suficiente pra tá estabelecendo que padrões de linguagem determinadas... e aí eu acho que dá pra pensar em formações discursivas, pensando assim na..., pensando em fazer... Tá, então a supervisão fica... Que lugar que a gente está ocupando? Porque lugar a gente ocupa! A gente tá lá no consultório, a gente cobra, paga, faz -----, pro analista, pro paciente, então tá se ocupando um lugar. Os analistas discutem também, produzem artigos. Eu li recentemente agora da Betannia, da Mariani Betannia, Bethania Mariani onde ela fala também assim, pensando nestas questões,...também. Então um lugar está posto.

E) Mas por que você aproximou o psicanalista do analista do discurso?

M) Porque trabalha com o assujeitamento, trabalha com o inconsciente. Análise do discurso é uma teoria que... é uma disciplina que, é a partir das outras, mas que também tem um pouco de psicanálise, né?

E) Mas que tipo de efeito, que tipo de recorte que é feito que cada uma produz?

M) Aí vai ser diferente né, distintos.

E) São distintos sim, eu penso que sim. Bom, sobre a questão da pós-modernidade? Eu nunca tinha ouvido. Eu já até quis fazer formação em psicanálise, mas depois eu parei. Então eu não tenho do que é isso, da reação psicanalítica, mas eu acabei de ler o Antony, que é um cara estigmatizado porque ele é considerado representante desse meu trabalho de hoje, inglês, eu acho que tu sabe quem é, né?

M) Eu sei que uma colega fez uma disciplina com ele, ele falou alguma coisa.

E) E então ele busca, ele busca, ele faz uma discussão num dos livros dele sobre a relação do sujeito com as suas estruturas modernas e pra ele, na verdade, o que se tem é um modernismo, seria um pós-modernismo, seria um modernismo com as suas estruturas funcionando numa potência máxima. E então o que ele localiza como sendo a característica da estrutura, né, a falta de vínculo com o espaço, porque isso tem a ver com o controle do tempo diferente, o controle do tempo que é dado pelo relógio, portanto tudo pode acontecer em qualquer instante, que isso é uma característica da modernidade e não da pós-modernidade, da era da modernidade. E a outra característica é por conta dessa falta de vínculo. O fluxo ele acontece numa velocidade e quantidade própria. Portanto, nesse lugar as pessoas estariam, eh, podem estar tomadas nesse movimento, né? Nessa falta de vínculo com o espaço e é bem interessante porque te ouvindo eu fiquei pensando: é isso mesmo! Isso não é um fluxo de sentidos fora de um lugar de assentar os sentidos né, fora de uma âncora, ou com outras âncoras, que a gente não sabe qual é direito.

Tá, mas então sobre o analista. Bom, eu acho que o analista, não há o analista do discurso. Há questões que também são históricas e que também vão se modificando ao longo de um trabalho de reflexão, e são elas que vão posicionando, digamos assim, a pessoa que tem interesse por essas questões discursivas. E lidar com uma teoria do discurso do meu ponto de vista, lidar com conceitos que advêm de uma ou outra teoria do discurso porque ela também não é homogênea, não garante que você tenha um trabalho de análise discursiva, tá? Eh, isso é assim, quer dizer, um trabalho de análise discursiva só acontece se a pessoa tiver numa posição, ou numa relação com o sentido que é de ter acertado por esse sentido e, portanto, ela tem que estar aberta a repensar a sua própria questão.

M) Não daria nem pra pensar assim. Bom, porque então cada... deixa ver se eu entendi né, essa tua fala, que cada questão a ser analisada, cada discurso a ser analisado o analista toma uma posição ou tem uma posição, ocupa naquele determinado momento que ta analisando um lugar.

E) Ai querida, as questões que ele tem, óbvio que assim como eu te falei na questão da Mariani, onde o que a teoria te permite ver ela é fundamental porque aí nós temos toda a questão da metodologia do trabalho. Então como é que uma metodologia de trabalho permite entrar numa questão, depois voltar sobre ela mesma e até re-organizar a própria metodologia? Isso é que seria assim o grande movimento possível dentro da análise do discurso, né. Então, e na produção dos sentidos e do sujeito, diferentemente da psicanálise, de alguma maneira vislumbrando uma cura, né, algum tipo de reorganização dos sentidos pro sujeito, eh, a

análise do discurso, o modo como ela se dá hoje, ela pode produzir sim interpretações, né, mas nenhuma garantia de que essa interpretação modifique algumas relações, isso não. Ainda até o modo como ela é feita hoje. Pode ser que essa passagem seja num próximo momento, quer dizer, de que maneira uma interpretação pode ou não estar vinculada a um trabalho X ou Y, não?

M) Lacan também diz isso, assim, não nesse sentido assim como você tá falando, mas a interpretação do discurso hoje pro paciente, nesse exato momento agora é essa, não significa que amanhã a interpretação que eu faço não vá desmontar ela, ou vá. Quer dizer, não pode ser, não pode ter um único sentido. É nesse sentido mesmo da cadeia de significantes que vai falar que vai formar um sentido e essa cadeia de significantes, ela não é uma cadeia fixa, né. Eu acho que mais ou menos, não sei se dá pra aproximar, com que Pêcheux fala desse acontecimento, né. Pensando assim me ocorreu agora assim de eventos que acontecem naquele momento, naquele lugar, naquele espaço de tempo, com aquelas pessoas, e vai produzir um sentido.

E) Sim, mas aí qual é a questão pra você produzir uma análise? Você precisaria, precisa de pelo menos organizar essa compreensão, esse olhar que você tem de um acontecimento que tá ali naquela situação imediata. É como se você pegasse uma situação imediata de um fato e produzisse sobre ele vários recortes, tá. E esses recortes vão produzir outras relações em outros tempos, em outros espaços, que independem. E na maioria das vezes é completamente independente da intencionalidade daquilo que aconteceu naquele momento. Então, isso, o retorno que isso produz, num exemplo, pensando um acontecimento na relação paciente/psicanalista, ele também teria um retorno aí imediato, né?

M) Também.

E) O analista do discurso não. Não necessariamente. Porque esse evento, esse acontecimento, ele é um ponto de entrada pras relações que vão se estabelecer, que já estão de alguma maneira estabelecidas porque também só vai ser um acontecimento, um evento, se o analista tiver conseguido enxergar aquilo ali, a questão. Ou seja, com as questões que levam a fazer recorte e os recortes eles não se esgotam neles.

M) Quando você fala de... assim... eu fiquei pensando assim: Nossa! Meu Deus! Como nós somos assujeitados! Sujeitos do inconsciente mesmo, porque não há controle sobre nada! O que você tá dizendo, não há, não existe nenhuma possibilidade, né, de controle. Pelo menos a tua fala primeira, zero, né? De nenhum controle. É transpassado, tá dentro de uma ideologia, dentro de uma língua e, né, quer dizer, assujeitado mesmo. E assujeitado pelo... Quando coloca pelo esquecimento 1 e o esquecimento 2. Pelo inconsciente, né, é isso? Pela ideologia e pelo inconsciente, né?

E) Sim. Desse ponto de vista de que pra você fazer sentido tem que haver possibilidade de sentido, sim, né. Agora o que é que permite o movimento, né? O que que permite o movimento de interpretação, de compreender alguma coisa? Permite? E aí talvez esteja uma especificidade do analista mesmo, eh. Perceber as relações de contradição, né, de ruptura, de alinhamento. Então você cria um... você começa a perceber nessas leituras, nesses objetos, nessas interpretações, espaços de contradição, né. Lugares que não estavam visíveis sem que você tivesse colocado aquilo em relação e ali tá uma contribuição específica de um trabalho analítico. Poder explicitar de alguma maneira onde essa fissura acontece. Aí nesse sentido sim, eu acho que também o psicanalista, né, no lugar onde ele observa que seja uma cicatriz ou uma ferida. Eu diria mais ferida.

M) Lacan diz que a gente tem que trabalhar na cicatriz. Tô falando Lacan. Tá lá no seminário 11 dele, né. Não se trabalha na hiância que ele chama, né, ferida seria, né. Só se trabalha nas bordas. Não se consegue chegar lá. Nunca. Jamais se chega lá. Só trabalha na costura. É verdade.

E) Que seja.

M) Que seja também é o lugar. Esse lugar do que não tá fazendo sentido. E pode, né, com um olhar de um analista, tanto do discurso ou da psicanálise, fazer um sentido, ou vários sentidos.

E) É. E nesse movimento possível, né, é pura... entremeios. "Entre" num sentido e outro que a posição de analista e a posição de quem é apenas pego pelo próprio objeto, né. Entre aquilo que é evidência que ele construiu na hora que você tomou contato com as suas questões em que ela produz, né. A disponibilidade, eu acho, pro movimento é o que poderia caracterizar mesmo uma posição de analista do discurso.

M) Oh! Chegou em algum lugar.

E) Em alguma coisa. É, mas com uma ressalva de que é porque não faz esse movimento aleatoriamente e nem o fato de você mobilizar ou movimentar conceitos garante nada. Eu acho que eu tô, eh, querendo que você, eh, pacifique a idéia de analista de discurso. Não tome isso como lugar homogêneo, né, dado pela teoria.

M) Ahamm. Então... é essa a minha inquietude, vamos dizer, a minha justificativa do meu trabalho, é essa.

E) Tem um tema muito lindo que ele diz assim: o fato de você apresentar a partir de alguns nomes próprios algumas teorias e alguma outra coisa ali que ele diz, não é suficiente pra você constituir um objeto, então o que que é constituir um objeto? Que objeto é esse?

M) Que seria o passe de Lacan, né? O Lacan diz que ninguém pode autorizar ninguém a ser analista senão o próprio orador. Que o passe é... o sujeito, né, o analista.

E) É até porque o objeto é primeiro o sujeito. O sujeito é primeiramente objeto, né? A idéia do signifiante, né. E... bom, portanto, não é homogênea essa idéia do analista. Imagino que a análise do discurso no Brasil ela tem ainda uma dobra aí que começa a se anunciar, mas que não foi, não tá visível pros próprios analistas, que é talvez isso que você tá perguntando, quais são os efeitos da teoria, ou, quais efeitos, eh, ou como se poderia articular os efeitos da teoria com outros lugares de produção da política de intervenções, enfim, de tudo isso. Porque a análise de discurso ela tem uma idéia de que fazer teoria já é produzir um ato político. Já é se posicionar politicamente. Essa teoria da análise do discurso tal como ela é instituída, né, ou pelo menos interpretada a partir do fato do que Pêcheux diz.

M) Ta ótimo.

Entrevista 03**Identificação: Psicanalista****Instituição: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre****Data: agosto/2005**

M: Sabe que tô fazendo mestrado e meu tema é psicanálise e meu tema é: Que lugar ocupa o psicanalista na situação analítica? Que lugar ele ocupa?

E: Na situação analítica? Bom, eu acho que ele tem um lugar em que ele ocupa ou que ele, vamos dizer assim, que ele deve ocupar, vamos dizer assim, né.

M: Procurar ocupar?

E: É. Vamos ver, acho que o paciente tenta botar o analista num lugar dos seus objetos internos, vamos dizer assim, né. Isso aí é que configura a situação que viabiliza o tratamento analítico, né, que é a transferência, não é mesmo? Né? E o analista, de certa forma, a partir dessa posição, vamos dizer assim, é que ele pode estabelecer as correções, vamos dizer assim, né.

M: Correções?

E: É. Correções na... vamos dizer... que é mais ou menos... isso seria uma visão assim do Stracher (?) assim, que fala do superego auxiliar, né. O Stracher... do artigo Stracher sobre... deixa eu ver como é que se diz... sobre a ação terapêutica da psicanálise, né. Então ele fala nisso. Quer dizer, é a posição real do analista, vamos dizer, é que faz a correção, né. O analista não corresponde àquele... àquele superego tirânico ou aquele superego benevolente, idealizado, né. Então a posição que ele ocupa é a posição... uma posição, eh, "real", vamos dizer assim, né. Interessante isso, né?

M: Eu não consigo... Real?

E: Quando ele mostra que ele não é aquela... não age de acordo com as projeções, vamos dizer.

M: Que ele não corresponde?

E.: É.

M: Ao lugar que de fato o paciente quer que ele fique?

E: É. Que... vamos dizer, quem sabe até naturalmente coloca, não é mesmo?

M: Aham. De qualquer forma, tá em início de tratamento contigo né? Tudo bem?

E: Não, eu acho que... tô pensando no início do tratamento, não é mesmo? Eu acho que quando um analista... quando um paciente consegue ter um grau de atualidade, de realidade nessa relação, de que tá... que aquele é apenas um analista, não tem que estar cumprindo com uma tarefa, com um trabalho, um lugar de... terapêutico, eu acho que... não que a análise resolveu a neurose transferencial da pessoa e a pessoa naturalmente tá... terminou o processo, vamos dizer, analítico, termina o processo. Por isso que eu penso que um processo analítico tem começo, meio e fim. E isso tem que ver com... com a pergunta que você tá me fazendo. Qual é o lugar que ele ocupa. Não é mesmo? Qual é o lugar que ele ocupa, né?

M: Aham.

E: Nesse processo o lugar dele se modifica.

M: Durante o processo.

E: Não é mesmo? Durante o processo, né.

M: Até hoje então?

E: Não, isso pode ser que se modifique... tá certo, porque isso é como eu digo, isso é que nem... pra ti saber quantos glóbulos vermelhos a pessoa tem não precisa tirar todo o sangue da pessoa e contar todos os glóbulos (rsrsrsrsrs), tu tira 1 milímetro cúbico e vê quantos têm ali e multiplica por 5 litros e tu sabe quantos glóbulos a pessoa tem em todo sangue, né. Quer dizer, não precisa tirar todo sangue, né. Então uma sessão dá uma idéia do tratamento. Um fragmento de uma sessão também dá idéia duma sessão, não é mesmo? A gente não precisa, pra entender um paciente ver todo material de um paciente, então pode pegar uma parte e examinar aquela parte ali também. Então tu tem razão, acho que cada sessão acontece tudo, né. O que acontece ao longo do tratamento também. De certa forma, embora vá se modificando isso um pouco, né.

M: G. é possível... é possível... quero ver se consigo fazer a pergunta direitinho: O psicanalista ocupar o lugar fora da situação analítica?

E: Ocupar o seu lugar de analista?

M: É.

E: Não. Eu acho que não, porque não se cria a condição, entendeu, o setting adequado, vamos dizer assim, eu acho que isso é uma certa violência até, vamos dizer assim, né. Porque quando um analista dá... usa os seus conhecimentos, pode ser até o seu conhecimento teórico... até a sua experiência profissional pra opinar sobre alguma coisa, quer dizer, ele tá opinando sobre um fato qualquer, sobre um paciente. Agora mesmo eu tô ouvindo e tô dando esse semestre seminário clínico lá na sociedade, lá no meu Instituto, né. Então eu tava vendo um material ali, né, de uma colega, candidata, que traz o material, eu tento entender o material ali à luz do que é entender aquele paciente à luz da minha experiência. Depois eu disse pra elas... são alunas que tinham no meu seminário. Disse o seguinte: Isso aí, quem explica isso bem, né, essa questão do ideal de ego, que esse paciente tinha uma patologia ligada ao ideal do ego... eu acho que uma autora que explica isso bem e tal, é Janine (?) (?), né.

E expliquei e disse assim: Olha, eu tô dizendo isso pra vocês porque eu acho que é assim que a gente tem que ver o material, e não na hora que tá atendendo um paciente, mas depois, entendeu? O material tem que fazer a mesma coisa que eu tô fazendo aqui. Ver que teoria sustenta aquilo que eu tô dizendo das teorias que eu conheço, né. Então claro, se eu conheço mais teorias eu tenho mais recurso, vamos dizer assim, né. Então, que teoria sustenta aquilo que eu tô pensando? Que eu acho que é. Então foi isso que eu fiz, eu penso que um analista deva fazer isso também. Mas não na hora da sessão, vamos dizer assim, pra interpretar e etc. Mas pra depois, pra transmitir o caso, pra explicar. Então eu acho que ali naquele momento eu não tava analisando esse paciente, né. Porque quem analisou e reportou aquilo, o texto, vamos dizer, foi essa colega, essa candidata, que também é minha aluna. Quer dizer, ela tava trazendo um material de análise, vamos dizer, melhor ou pior, isso não importa, né. Mas eu ali

naquele momento, eu que era o didata, eu que tava vendo, eu não tava num trabalho analítico, vamos dizer assim, né.

M: Quer dizer, você vai ver que mesmo nessa situação que remete até a um todo... a um manejo, a um quadro, né, mesmo assim você não tá ocupando esse lugar que você tá dizendo.

E: Não tô. Embora eu tenha dito que ela interpretou bem, interpretou errado, e mesmo que eu diga... mostre-lhe qual é a transferência, qual é a cor da minha... consiga ver tudo isso, mas pelo fato de eu não estar dentro do processo, eu não tô fazendo trabalho analítico, vou dizer que aqui é trabalho analítico. É igual quando eu digo... pego um filme e faço uma interpretação deste filme, eu não posso dizer. Qualquer outra pessoa poderia fazer essa mesma coisa, que tivesse aquele conhecimento, vamos dizer assim.

M: Certo. Você tá dizendo que as relações são diferentes, né. A relação de você ver o filme e interpretar é uma.

E: Claro.

M: E a relação de situação paciente e terapeuta é uma distinta, que é fixa, que tem uma técnica, né.

E: Tem uma técnica e que cria um conhecimento, né, na base da intersubjetividade, né. Que é um conhecimento novo que vai se adquirindo ali. Tem que ter todo aquele contexto, vamos dizer, aquele setting favorável pra isto. Quer dizer, um conhecimento que eu já levo eu não... eu não... não pode ser... não corresponde ao que se chama um trabalho analítico. Quer dizer, quando eu vou pra essa supervisão eu tô levando um conhecimento. Aquele conhecimento que eu tô colocando ali, que eu acabo de descrever não nasceu da minha relação, da minha troca de subjetividades minha com aquele paciente. Eu não sei qual é que seria. Provavelmente se aquele paciente tivesse comigo eu escreveria outra história dele, do que aquela colega ali descreveu. Aquela é a história deles, aquilo foi o conhecimento possível produzido por eles, pela aquela dupla naquele momento, vamos dizer, naquele contexto. Se ela tivesse grávida quem sabe fosse outra coisa, sei lá o quê. Se fosse um homem em vez de uma mulher quem sabe se criasse um outro conhecimento, né. Que fosse ser conflitante, né, mas não importa, quer dizer, naquele momento o que ela me trouxe foi o que eles produziram, vamos dizer, e eu não participei daquela produção, então aquele meu trabalho não é um trabalho analítico, quer dizer, eu tô levando uma coisa que se criou na minha experiência com outros pacientes, não aquele paciente, entendeu?

M: Então o lugar ocupado pelo psicanalista na situação analítica, ele só pode ser ocupado de fato na situação analítica.

E: Só na situação analítica.

M: Não há nenhuma outra oportunidade?

E: É, eu não acho. Eu acho isso uma violência até, pra falar a verdade.

Entrevista 04**Identificação: Psicanalista****Instituição: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo****Data: setembro/2005**

M) Bom, eu vou te explicar o que é que eu tô pesquisando, né. Eu entrei no mestrado de ciências da linguagem e trabalho com a análise do discurso francesa, muito de Freud e de Lacan, muito. Lacan, né? E aí eu entrei pra pesquisar na área de psicanálise. Eu tenho vínculo com a Sociedade Brasileira de Porto Alegre, sou a diretoria do núcleo, né, que é extensão de Florianópolis, né.

E) Você tá ligada à psicanálise?

M) Isso. E aí...então eu vou entrevistar 3 psicanalistas, né? Um de São Paulo, um de Porto Alegre e um do Rio de Janeiro. E 3 analistas do discurso, que já tá em andamento. E aí a minha pergunta é, que é o teu tema né, da pesquisa. Que lugar ocupa o psicanalista na situação analítica?

E) Que lugar ocupa? É um lugar de participantes, né? Que é uma dupla que ocupam esse espaço. O psicanalista ocupa um espaço, vou dizer assim, de... o problema é que essa pergunta pode ser respondida de maneira que...eu mesmo poderia respondê-la de forma mais variadas possíveis, né? Então eu vou escolher uma que ocupa agora um espaço de oferecer um espaço pra que o paciente possa colocar os seus conflitos, as suas projeções, as suas identificações, eh, e com isso, nessa interação, eh, ter percepções, pensar coisas que até então não seriam pensadas.

M) Você chamaria esse espaço de espaço transferencial?

E) Esse espaço eu chamaria de espaço, eh, significante, espaço de... pra poder dar significado. É um espaço simbólico, eu chamo.

M) Eu entendo simbólico do Lacan. (risos)

E) Não, não. É o outro simbólico (risos) não lacaniano. Espaço simbólico onde as coisas vão ser simbolizadas, ou melhor dizendo, é um espaço de simbolização.

M) Tá. Você disse que teria várias respostas. Uma segunda?

E) Uma segunda maneira? Uma segunda maneira de colocar isso/ O lugar do analista é o lugar de uma pessoa que pode servir de continente pra projeções do paciente, pra...eh, transferências, agindo de uma forma singular, diferente do que ele vai ter fora da situação analítica, onde a intervenção desse analista, eh, vai ser certamente no sentido de poder...eh, eu vou cair na situação do... pra poder estar dando percepção a esse paciente nesses aspectos que estão sendo vividos nessa relação. Onde o analista também é um participante, na medida que isso, vamos dizer, aquilo que se passa com o analista também como fonte de conhecimento, do que se passa como analisando.

M) Ahamm. Então você tá falando de transferência, contra- transferência e essa....

E) Contra-identificação positiva, contra-identificação,...

M) A minha segunda pergunta, são só duas perguntas. Que lugar ocupa também o psicanalista no discurso, e aí em qualquer discurso que está pra ser analisado? Não apenas na situação analítica, se existe isso inclusive?

E) Porque você tá dizendo assim?

M) Que lugar ocupa o psicanalista. A primeira coisa é essa situação aqui, né, paciente-terapeuta. Que lugar ocupa o psicanalista, que seria o analista do discurso. Porque é o discurso que se psicanalisa, né. Mas qualquer outro discurso que não seja só na situação analítica.

E) Fora da situação analítica?

M) Fora da situação analítica.

E) Só que o referencial, né, o referencial é analítico.

M) No setting e você tem um vínculo assim mais próximo da psicanálise? Como é que é?

E) Como assim?

M) Na....

E) Ah! A minha frequência?

Claro! Pela distância, né? Eu tenho tido, nós temos tido, eh...eu recebo trabalhos de RV né. Tenho a possibilidade de acompanhar os trabalhos científicos nas quartas e quintas-feiras através de...videoconferência, transmissões on-line. Inicialmente eram feitos ao vivo e depois passaram a ser editadas porque às vezes têm pessoas que não são da sociedade, então tem material clínico e às vezes passa no dia seguinte já editadas, né. E agora o contato vivo mesmo é mais... menos freqüente.

M) Ahamm. E tem se discutido o lugar do psicanalista? Ou não se discute, ou discute um pouco, mais ou menos? Como é que fica?

E) Não. Tem-se discutido. Há um movimento, por exemplo, do... houve um movimento nesse sentido liderado pelo Fábio Herrmann da nossa sociedade. No sentido do analista sair do consultório, né, e levar o método dele pra outros ângulos. Mas em função de condições, digamos, trabalho propriamente dito, eu não vejo espaço pra mim fazer isso. Eu não tenho tido espaço pra atuar fora. Pra o meu ganho o consultório me tolhe o tempo todo, me consome o tempo todo. Então eu não tenho como abrir um espaço pra ir atuar fora do consultório. Mas esse movimento existe e tem alguns colegas que tão participando.

M) Ahamm.

E) Tem... Nós temos um setor de comunidade, eh, onde... que participa tem o setor de interface que participa com a psiquiatria. Tem o setor de cultura, cultural, onde se tem feito a interface também com outras áreas da cultura que tem...eh...inclusive foi feito uma participação em várias atividades lá em São Paulo, mais especificamente. Onde o analista ia... dá uma... não participar diretamente, mas lidar com líderes. E lidava com...por exemplo, com delinquentes por exemplo, né, onde ele dá supervisões em ambulatórios, etc. até o convênio feito com a Marta e a Marta foi minha colega de Instituto, né. E por isso no tempo que ela foi prefeita houve essa abertura pro pessoal fazer essa participação aí, né.

M) Eu tô perguntando isso porque o analista do discurso da linha francesa, da lingüística, que é essa teoria, que é uma teoria nova, que ela não se faz por uma teoria só. Ela tem que se fazer pela psicanálise, pela sociologia, pela antropologia e pela filosofia. Que ela se compõe dessa forma, ela é... qualquer coisa é discurso né. Entra... discurso, enfim. E é, né? E é um discurso. Então isso...eh...essa...o que eu fiz...o que eu resolvi fazer essa pergunta...porque daí eu tô pensando por que é relevante, por que não é. Um pouco assim. Porque na realidade eu estava muito...fiquei muito inquieta no lugar. Né, eu acho que...não sei se quando a gente começa a estudar outras coisas. E a análise do discurso ela pensa no sujeito também. No sujeito assujeitado né. E pensa a ideologia, pensa nas comunidades discursivas, né, que existe, né, da psicanálise forma né. Ela tem uma formação discursiva e faz análise, então, quer dizer, o analista do discurso, se ele não tá na situação analítica. Na relação paciente-terapeuta, né. Ele faz análise do discurso que está posto.

E) A análise do discurso que tá posto fica pra mim, do meu ponto de vista, uma coisa muito teórica. Porque eu considero a importância do setting, se não tiver um setting, um enquadre, eh, difícil falar. Difícil você ter a referência pra fazer as suas interpretações. Se você pega um cara que tem um facão todo afiadinho né, que tá brandindo esse facão, mas numa carne dentro de um açougue. E você vai lá e você fica tranqüilo, mas se você vai passar numa rua escura e o cara ta fazendo assim, com a mesma faca tem outro significado.

M) Sim.

E) Então eu considero que o enquadre analítico é fundamental para o pensamento analítico. Fora disso você ta entrando num problema assim bastante complicado do ponto de vista, eh, daquilo que eu chamo de análise propriamente dita, do papel do analista.

M) Do psicanalista né?

E) É. Do psicanalista.

M) Ahamm, da tua formação.

